

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
MESTRADO EM FILOSOFIA

RODRIGO PEREIRA MUNARI

**CRIATIVO, VIVENCIAL E ATITUDINAL:  
as três categorias de valores na realização de sentido**

Porto Alegre

2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul



## Ficha Catalográfica

M963c Munari, Rodrigo Pereira

Criativo, vivencial e atitudinal : as três categorias de valores na realização de sentido / Rodrigo Pereira Munari. – 2023.

83 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro.

1. Viktor Frankl. 2. Sentido. 3. Valores criativos. 4. Valores vivenciais. 5. Valores atitudinais. I. Castro, Fabio Caprio Leite de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

**RODRIGO PEREIRA MUNARI**

**CRIATIVO, VIVENCIAL E ATITUDINAL:  
as três categorias de valores na realização de sentido**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Filosofia,  
pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
da Escola de Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro

Porto Alegre

2023

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro – Orientador

---

Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza

---

Prof. Dr. Luciano Marques de Jesus

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Daniela Bitencourt dos Santos, minha companheira na jornada da vida, por estimular o meu reencontro com a Filosofia.

Ao meu orientador, Professor Dr. Fabio Caprio Leite de Castro, pelo acolhimento.

Ao Professor Dr. Luciano Marques de Jesus, por ter me apresentado à obra de Viktor Frankl.

Aos meus sábios, incansáveis e generosos professores.

E, por fim, aos meus colegas filosofantes.

A travessia é mais bonita ao lado de vocês.

*A porta para a felicidade abre só para o exterior;  
quem a força em sentido contrário acaba por fechá-la ainda mais.*

(Soren Kierkegaard)

## RESUMO

Viktor Emil Frankl (1905-1997), médico psiquiatra e doutor em Filosofia, é o criador da Logoterapia, a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. É um defensor da vida e desenvolve o conceito da vontade de sentido como centro gravitacional da existência humana. Esta dissertação tem como objetivo geral discorrer sobre as três categorias de valores na busca pelo sentido: criativos, vivenciais e atitudinais. Pretende, ainda, apresentar o filósofo Viktor Frankl e suas ideias sobre o tema; compreender o que é a vontade de sentido; e demonstrar que uma vida dotada de sentido tende a ser mais exitosa, apesar das adversidades. A pesquisa é de natureza básica e tem uma abordagem qualitativa. O procedimento é bibliográfico. Conclui que a vontade de sentido é o combustível que movimenta o ser humano rumo ao êxito nos enfrentamentos estabelecidos pela vida; que há a possibilidade de encontrar sentidos nos caminhos dos valores criativos, vivenciais e atitudinais; que não há como cumprir a jornada de forma justa e equilibrada sem que a liberdade e a responsabilidade caminhem juntas; e que a vida necessita de sentido, apesar das suas contingências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Viktor Frankl. Sentido. Valores criativos. Valores vivenciais. Valores atitudinais.

## **RESUMEN**

Viktor Emil Frankl (1905-1997), psiquiatra y doctor en filosofía, es el creador de la Logoterapia, la Tercera Escuela Vienesa de Psicoterapia. Es un defensor de la vida y desarrolla el concepto de voluntad de sentido como centro gravitacional de la existencia humana. Esta disertación tiene como objetivo general discutir las tres categorías de valores en la búsqueda de significado: creativo, experiencial y actitudinal; también pretende presentar al filósofo Viktor Frankl y sus ideas sobre el tema; comprender qué es la voluntad de sentido; y demostrar que una vida dotada de sentido tiende a ser más exitosa, a pesar de las adversidades. La investigación será de carácter básico y tendrá un enfoque cualitativo. El procedimiento será bibliográfico. Se concluye que el deseo de sentido es el combustible que mueve al ser humano hacia el éxito en los enfrentamientos que establece la vida, que existe la posibilidad de encontrar sentido en los caminos de valores creativos, vivenciales y actitudinales; que no hay manera de completar el camino de manera justa y equilibrada sin libertad y responsabilidad caminando juntas, y que la vida necesita sentido, a pesar de sus contingencias.

**KEYWORDS:** Viktor Frankl. Sense. Valores creativos. Valores experienciales. Valores actitudinales.

## **Sumário**

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
<b>2 VIKTOR EMIL FRANKL .....</b>	<b>13</b>
<b>3 O VAZIO EXISTENCIAL .....</b>	<b>22</b>
<b>4 A VONTADE DE SENTIDO.....</b>	<b>34</b>
<b>5 AS CATEGORIAS DE VALORES NA REALIZAÇÃO DE SENTIDO.....</b>	<b>45</b>
<b>5.1 VALORES CRIATIVOS .....</b>	<b>49</b>
<b>5.2 VALORES VIVENCIAIS .....</b>	<b>56</b>
<b>5.3 VALORES ATITUDINAIS .....</b>	<b>62</b>
<b>6 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA BUSCA DO SENTIDO .....</b>	<b>71</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Viktor Emil Frankl (1905-1997), médico psiquiatra e doutor em Filosofia, fundou uma escola de Psicoterapia que influenciou a Filosofia, a Teologia, a Psicologia, a Sociologia e a Educação: a Logoterapia e análise existencial. Para Frankl, o ser humano possui mais do que uma vontade de prazer e uma vontade de poder: há uma vontade de sentido como motivação fundamental para a vida das pessoas.

E o que é a vontade de sentido? Quais são as categorias de valores que permitem essa busca e esse potencial encontro?

Esta dissertação pretende discorrer sobre isso, além de apresentar o filósofo Viktor Frankl e sua obra; compreender o que é essa vontade de sentido e os valores fundamentais no exercício dessa vontade – o dever ser; distinguir os grupos de valores que serão apresentados como caminhos potentes na busca rumo ao encontro do sentido; reconhecer a importância da liberdade e, conseqüentemente, da responsabilidade nessa jornada de conhecimento; e, por fim, demonstrar que uma vida dotada de sentido tende a ser mais exitosa e realizadora para a pessoa, apesar das adversidades encontradas no caminho.

A pesquisa é de natureza básica e tem uma abordagem qualitativa. O procedimento é bibliográfico, tendo como base para as explanações, questionamentos e possíveis elucidações, livros e publicações acadêmicas em plataformas variadas sobre o tema.

Nos últimos anos, percebe-se um aumento significativo no número de patologias mentais e suicídios no Ocidente. Para piorar a situação, o advento das relações digitais, a algoritmização da vida cotidiana e a aceleração do tempo aumentam o sentimento de vazio existencial, potencializando essa neurotização global alimentada pela ausência de sentido. A obra de Viktor Emil Frankl trabalha no conceito, na compreensão e na busca pelo sentido, que, por sua vez, se revela alicerçado nessa vontade. Contribui, dessa forma, para a valorização da existência, dado que a vida necessita de sentido, apesar das suas contingências, das suas circunstâncias.

Esta dissertação não pretende aprofundar-se no psiquiatra fundador da terceira escola vienense de Psicoterapia, pois, por mais que um indivíduo seja formado de diversas camadas de conhecimento e que essas camadas sejam interrelacionadas, é o filósofo Viktor Frankl o protagonista deste trabalho.

Se cada pessoa é uma espécie de laboratório para a humanidade, a vida dele é, sem dúvida, um belo manual de instruções na busca de sentido para as nossas existências. Com ele, aprendemos que a liberdade existe, que a busca pela vontade de sentido é pessoal e intransferível e que existem três categorias de valores para auxiliar nessa busca, a saber: valores criativos, vivenciais e atitudinais. Com Frankl, também podemos observar que somente quando se ama a própria vida é que nasce a possibilidade de se viver para o mundo.

Quando existe a consciência de que não estamos sozinhos no planeta, que é na relação referencial com o outro que estabelecemos nossa posição no mundo, surge o desejo de deixar um legado de boas ações e realizações para as gerações vindouras. Afinal, é razoável que caminhemos para o dever ser, esse lugar de certa maneira utópico, em que a sociedade melhora sempre. Nessa jornada rumo ao dever ser, muitas perguntas vão surgindo, e cabe aos que são dotados de curiosidade e coragem tentar respondê-las. O sentido é coletivo? A responsabilidade pela busca de sentido é coletiva? Temos liberdade nessa escolha? Será que esse desejo de construir um mundo melhor para quem ainda não chegou é um caminho para encontrar um sentido para a vida? Essas são algumas das questões que serão apresentadas e analisadas ao longo dessas páginas, somando-se a outras tantas que surgirão, pois, ao fim e ao cabo, de que vale uma vida sem sentido?

## 2 VIKTOR EMIL FRANKL

Quando o ser humano questiona qual o sentido da vida e qual caminho seguir nessa busca pelo sentido, a resposta tende a não ser muito simples. Todavia, a obra do filósofo Viktor Emil Frankl é uma espécie de mapa que pode nos guiar nessa jornada. Sempre que se pretende iniciar uma discussão sobre um tema, é importante definir e conceituar o que é essa ideia. Aqui não será diferente. Será preciso esmiuçar, dentre outros pontos pertinentes, as três categorias de valores possíveis na construção da vontade de sentido em Viktor Frankl, pois, para que existam condições razoáveis no processo de dialogar, apresentando e discutindo ideias, construindo conceitos, os interlocutores precisam conhecer e definir a base em que a conversa vai se sustentar, o seu ponto de partida.

Conhecer os momentos importantes e decisivos na trajetória de vida da pessoa que pensou, elaborou e criou a obra é o primeiro passo para a introdução no tema, porque são as vivências do autor, sua relação com o outro e sua percepção do mundo o manancial do qual jorram seus questionamentos e suas crenças. E isso, obrigatoriamente, leva à pergunta: quem é Viktor Emil Frankl?

Viktor Emil Frankl nasceu no dia 26 de março do ano de 1905, em Viena, na Áustria, no seio de uma família judaica. É um dos três filhos do casal Gabriel Frankl e Elsa Lion, tendo como irmão mais velho Walter August Frankl, e como irmã, Stella Josefina Frankl.

Elsa casou-se com Gabriel Frankl em 1901, aos vinte e dois anos de idade. Seu esposo tinha quarenta anos no dia de sua boda, era um senhor dedicado à família e ao trabalho, um homem religioso, mas com espírito crítico, ou seja, um judeu liberal, como seria denominado mais tarde por Viktor. Nasceu em 1861 numa família de origem humilde da aldeia de Pohrlitz, no sul da Morávia, que na época pertencia ao império Austro-Húngaro. O senhor Gabriel passou por dificuldades financeiras até se formar em medicina, quando teve que abandonar a profissão e ingressar no serviço público. Posteriormente, tornou-se diretor no Ministério do Serviço Social, ocasião em que fundou a Central para Proteção da Criança e Assistência aos Jovens, juntamente com o ministro Joseph Maria von Bärnreither.<sup>1</sup>

A Viena do início do século XX é um polo cultural europeu, referência em arte e educação. Essa terra que pariu os geniais Mozart e Schubert, que acolheu o não menos genial Beethoven, com uma universidade fundada em 1365 – ainda na Idade Média –, lugar em que

---

<sup>1</sup> AQUINO, 2013, p. 14.

grandes pensadores como Sigmund Freud, Edmund Husserl, Franz Brentano, Martin Buber e Alfred Adler estudaram, dona de uma vida intelectual pulsante, é a mesma que recebe uma parcela importante de imigrantes judeus que andavam em busca de uma vida melhor para as suas famílias, tornando-se, assim, um centro cultural do judaísmo, pois grande parte dos profissionais que trabalhavam na cidade eram de origem judaica. Ocorre que nenhum desses judeus, por mais que escutassem aqui ou ali discursos antissemitas, poderia imaginar a carga de dor e desumanidade que estaria por vir.

Viktor Emil Frankl sofre o impacto de duas grandes guerras. A primeira na sua infância, quando, com 9 anos de idade, se refugia com os pais e irmãos na terra natal de seu pai – a aldeia de Pohrlitz, no Sul da Morávia.<sup>2</sup> Esse é um período duro para a família. O Sr. Gabriel Frankl, assim como a maioria dos funcionários públicos, enfrenta graves problemas financeiros, e a escassez de alimentos faz com que dois dos seus filhos, os meninos Walter e Viktor, visitem as propriedades mais abastadas para pedir pão e as lavouras mais próximas para roubar milho.<sup>3</sup>

O segundo enfrentamento oriundo de uma guerra é ainda mais devastador para a família Frankl, pois encontra Viktor já adulto, formado em Medicina e em pleno exercício da profissão, precisando abdicar de todo seu trabalho, das pesquisas e expectativas familiares ao ser subjugado pelo Exército alemão.

Com relação à família Frankl, o irmão Walter tentou fugir para a Itália, mas foi deportado para Auschwitz e lá faleceu. Sua irmã teve mais sucesso e se refugiou na Austrália. Uma de suas primas ficou durante toda a guerra no apartamento de uma baronesa católica em Viena. Seus pais já estavam idosos e não podiam se refugiar em outro país.<sup>4</sup>

No ano de 1937, a Áustria foi invadida pelo Exército nazista, e a perseguição aos judeus tornou-se mais intensa e efetiva. Viktor Frankl, impedido de exercer a profissão em sua clínica particular, trabalha como diretor do departamento de neurologia do Hospital Rothschild – o único hospital de Viena em que se admitiam judeus naquele momento, o que garante minimamente a proteção para si e para os seus familiares. Ele aguarda o visto para se refugiar nos Estados Unidos e consegue. Surge, então, o dilema na cabeça de Viktor Frankl: ir para os Estados Unidos com a esposa Tilly Grosser para exercer o seu ofício, dar aulas e ser feliz, ou permanecer em Viena para ficar ao lado dos pais já idosos?

---

<sup>2</sup> Atualmente, a região da Morávia faz parte da República Tcheca.

<sup>3</sup> Cf. AQUINO, 2013, p. 16.

<sup>4</sup> AQUINO, 2013, p. 23-24.

[...] foi discernir sobre a dúvida na Catedral Gótica de Santo Estêvão (Stephansdom), no coração de Viena. Os vitrais e a tênue luminosidade permitiram que Frankl se distanciasse da agitação da cidade para refletir sobre o dilema existencial, qual seja: o amor aos seus pais *versus* sua brilhante carreira em Nova York.<sup>5</sup>

As circunstâncias e contingências que a vida apresenta, às vezes, podem ajudar na resolução de alguns problemas e, certamente, auxiliam nas escolhas de cada indivíduo. Com Viktor Frankl, não é diferente.

Um dia, quando chega na casa dos seus pais, enxerga um pedaço de mármore rabiscado. Pergunta o que é aquilo e por que o pai guarda aquele pedaço de pedra. O senhor Gabriel Frankl responde ao filho que aquilo é um pedaço da sinagoga de Viena destruída pelos nazistas, e que nela estavam grifados um dos 10 mandamentos. Para surpresa de Viktor, o mandamento que ali estava impresso era o quarto: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias na terra que Iahweh, teu Deus, te dá”. O dilema acabara de ser dissipado: o visto para o ingresso nos Estados Unidos haveria de esperar.

No mês de setembro de 1942, Frankl, junto de seus pais, é conduzido para Theresienstadt, o primeiro dos quatro campos de concentração que conheceria. Ainda passaria por Auschwitz, Kaufering e Türkheim – esses dois últimos dependentes do campo de Dachau. Sua esposa Tilly Grosser, grávida de cinco meses, é forçada a abortar. Ela morre em Theresienstadt, bem como Gabriel Frankl, pai de Viktor. Seu irmão Walter e sua mãe morrem em Auschwitz. A irmã de Viktor, Stella Josefina, refugia-se na Austrália e sobrevive à guerra.

Nos campos de concentração, durante três longos anos, Frankl experimenta toda sorte de sentimentos. Como humanista que é, observa e percebe todas as reações dos prisioneiros e dos guardas do exército alemão; luta dia a dia contra a fome, o frio, a fadiga, e descobre que, mesmo nas situações mais precárias e adversas, é possível que se faça a descoberta de um sentido em meio ao caos.

Sentido, eis a chave para a vida segundo Frankl, que traz consigo desde pequeno uma postura filosófica, questionadora. Aos 4 anos de idade, ao tomar consciência da morte, fica chocado com a finitude, inclusive por se dar conta de que também era finito. Mais tarde, ainda na infância, surgem as primeiras perguntas sobre o sentido da vida e o sentido da morte, se a transitoriedade da vida não aniquila o seu sentido.

---

<sup>5</sup> AQUINO, 2013, p. 24.

Entretanto, encontramos uma inquietação filosófica no espírito do jovem Frankl. Quando ainda tinha 13 anos, seu professor de ciências ensinava que a vida não passava de um processo de oxidação e combustão; tal concepção nihilista fez com que Frankl questionasse o mestre: “Que sentido tem então a vida?”.<sup>6</sup>

O espírito da época naquela parte da Europa fortalece a desesperança entre os jovens. Há um pessimismo instaurado, um clima de incerteza e desconfiança, uma herança ruim também deixada pelo término ainda muito recente da primeira grande guerra. Viktor Frankl percebe isso e vai fortalecendo sua percepção de que a vida necessita de sentido. Tanto que, em 1927, ainda estudante de Medicina, funda postos de aconselhamento para a juventude, no intuito de reduzir os índices de suicídio na Europa central, que estavam demasiadamente altos. Esse projeto foi bastante exitoso. Viktor, com a ajuda de outros terapeutas, trabalha com afinco, e, no ano de 1930, não é registrada nenhuma tentativa de suicídio em Viena.<sup>7</sup>

Ainda na adolescência, Frankl se encanta com Freud, lê seus escritos e começa a trocar correspondências com o pai da psicanálise. Essas cartas, em sua maioria, foram confiscadas e destruídas pela Gestapo. Restou somente uma delas, que Freud enviou para a *Revista Internacional de Psicanálise* e foi publicada em 1924. Freud foi um mestre para Frankl, mesmo que eles tenham se encontrado pessoalmente somente uma vez. Sobre esse encontro, Viktor Frankl comenta:

Freud era um homem velho, tão velho como sou agora. Costumava passear no parque, perto da Universidade de Viena, com roupas velhas, um chapéu surrado. Quando o vi, falei a mim mesmo: “Parece o Freud!”. Eu o segui e me apresentei: “Tenho a honra de estar falando com o Dr. Freud? Meu nome é Viktor Frankl”. Ele reagiu: “Viktor Frankl? Rua Czerningasse, número 6, apartamento 25?”. Respondi: “Correto”. Ele lembrava meu endereço porque, em meu tempo de escola, mantivemos correspondência.<sup>8</sup>

Em sua formação acadêmica, Frankl se envolve com a psicologia individual de Alfred Adler, o primeiro dissidente de Freud que traz uma alternativa à teoria psicanalítica freudiana. Adler enfatiza a vontade de poder, em um contraponto à vontade de prazer defendida por seu professor. Para Frankl, a psicologia individual de Adler representa uma guinada copernicana nos processos da psiquiatria; todavia, é Frankl quem enxerga além do seu mestre, compreendendo que, além da vontade de prazer e da vontade de poder, o que

---

<sup>6</sup> AQUINO, 2013, p. 18.

<sup>7</sup> Cf. AQUINO, 2013, p. 19-21.

<sup>8</sup> AQUINO, 2013, p. 17.

determina a gana pela vida, ou pelo menos a possibilidade de enfrentamento diante das adversidades, é a vontade de sentido.

[...] Frankl cursou a formação em neurologia na Maria Theresien-Schlössel de Viena. Enquanto, em janeiro de 1933, Hitler era eleito chanceler da Alemanha, Viktor Frankl prosseguia com sua brilhante carreira de psiquiatra e neurologista, responsável pelo pavilhão de suicidas do hospital psiquiátrico Am Steinhof, onde trabalhou durante quatro anos. Ao fim desse período, Frankl contabilizou doze mil atendimentos de pacientes depressivos. A experiência lhe concedeu grande capacidade diagnóstica, permitindo avaliar se o paciente estava apto para ter alta em pouco tempo, investigando se havia ou não algo pelo que valesse a pena viver. Aquele que tivesse alguma razão convincente para não cometer o suicídio, como “sou necessário no trabalho”, “minha religião proíbe o suicídio”, “minha família está contando comigo”, poderia ser liberado.<sup>9</sup>

Toda essa práxis, essa aplicação da teoria na vida prática, vai forjando a ideia da Logoterapia, dessa psicologia do sentido da vida, que ainda dava seus primeiros e certos passos, obtendo importantes êxitos no tratamento com depressivos e suicidas.

A Segunda Guerra Mundial traz muito mais percepções e informações sobre o ser humano, e essa vivência insalubre, desumana e muitíssimo precária, mesmo a contragosto, é de grande valia para a teoria de Frankl. Ao sentir na própria carne a dor impingida pela guerra, pelo subjugo, ele valida sua teoria baseado no que denominou *experimentum crucis*. Viktor Emil Frankl, médico, psiquiatra, neurologista, esposo e bom filho, um entusiasta da vida, se torna somente um número: o 119104.

É o número 119104 que relata a sua chegada em Auschwitz. Afirma que, por uma pequena faixa no alto da janela do vagão em que está viajando com outros prisioneiros e suas bagagens poucas, se pode avistar as múltiplas cercas de arame farpado, torres de vigia e farrapos humanos. A recepção é pautada por gritos e xingamentos; a bagagem fica no vagão; e os prisioneiros formam uma fila. Desfilam perante um oficial superior da SS, que aponta ora para o lado esquerdo, ora para o lado direito, selecionando dessa maneira os recém-chegados.

Nunca escrevi sobre o que aconteceu durante a primeira seleção na estação em Auschwitz. Trata-se de um detalhe. Nunca escrevi a respeito pelo simples motivo de que até hoje não estou bem certo se não é coisa da minha imaginação. Trata-se do seguinte: o Dr. Mengele virou meus ombros não para a minha direita, ou seja, em direção aos sobreviventes, mas para a esquerda, em direção àqueles que iam para a câmara de gás. Mas como não encontrei nenhum conhecido entre as pessoas escolhidas imediatamente antes de mim, e como também percebi que alguns colegas jovens tinham sido direcionados para a direita, dei a volta por trás das costas do Dr.

---

<sup>9</sup> AQUINO, 2013, p. 21-22.

Mengele e acabei, felizmente, entrando na fila da direita. Deus sabe como tive essa ideia e de onde tirei a coragem para isso.<sup>10</sup>

Nenhum daqueles indivíduos enfileirados sabe o que significa aquela seleção. O número 119104 foi parar na fila da direita, e é esse mesmo prisioneiro que, em sua primeira noite nesse campo de concentração, pergunta, para outro detento que lá está há mais tempo, em que lugar poderia ter ido parar um amigo que estava junto no trem.

– “Ele foi mandado para o outro lado?” – “Sim”, respondi. – “Então podes vê-lo ali”, disseram. – “Onde?”. Uma mão aponta para uma chaminé distante algumas centenas de metros, da qual sobe assustadora e alta labareda pelo imenso e cinzento céu polonês, para se extinguir em tenebrosa nuvem de fumaça. “O que há ali?” – “Ali o teu amigo está voando para o céu”, é a resposta grosseira. Continuo sem entender; mas logo começo a compreender, assim que me “iniciam” no assunto.<sup>11</sup>

Quem ficou no lado esquerdo caminhou para a execução, quem ficou no lado direito foi para a desinfecção. Em uma espécie de antessala, os prisioneiros são despedidos de suas vestes, seus pertences e pelos; alguns tentam negociar para ficar com a aliança, por exemplo, ou com qualquer outro pertence que minimamente os liguem a um fiapo de memória e esperança. Frankl, o prisioneiro 119104, também carrega consigo algo importante, um pedaço de papel que é o manuscrito de um livro que ele considera muitíssimo e, tal qual os outros prisioneiros, tenta convencer o capo<sup>12</sup> a deixá-lo em sua posse. Recebe uma sonora gargalhada como resposta negativa ao seu pedido e vê seu trabalho sendo perdido, dizimado, porque essa é a normalidade por ali; todavia, ao entrar embaixo do chuveiro, por mais louco que possa parecer, sente-se aliviado porque dele sai água gelada, e não gás letal.

Frankl, em seu *experimentum crucis*, conhece as três fases nas reações psicológicas que cada prisioneiro vive no campo de concentração, a saber: o choque de recepção; a vida no campo de concentração; e a fase depois da libertação.

Na primeira fase, a do choque de recepção, dentre tanta indignidade, ele vive e observa o que a psiquiatria conhece como “ilusão de indulto”, ou seja, uma visão distorcida da realidade precária e hostil em que o indivíduo está inserido. A vida está tão difícil, fora de qualquer razoabilidade, que a pessoa passa a acreditar na possibilidade do impossível. É a

---

<sup>10</sup> FRANKL, 2010, p. 111.

<sup>11</sup> FRANKL, 2018, p. 27.

<sup>12</sup> Classe especial de prisioneiros usada para interagir com os prisioneiros comuns, tidos como mais violentos do que a própria guarda do campo.

esperança superlativa, uma espécie de proteção, um escudo mental para amenizar tamanho sofrimento.

Os dias transcorrem, e, diante de eventos cada vez mais difíceis de compreender e vivenciar, uma após a outra, as ilusões vão sumindo. Em seu lugar, chegam uma curiosidade mórbida – vontade de saber se vai morrer ou escapar vivo dali – e um senso de humor estranho, que se relaciona com aquela precariedade vivenciada e enfrentada diariamente, pois o prisioneiro acha graça de tanta desgraça. O suicídio também aparece como possibilidade de fugir de tanta dor: “ir para o fio”<sup>13</sup>, para muitos, é o caminho da redenção.

A segunda fase, a vida no campo de concentração, chega quando o impacto da chegada vai ficando menos intenso. É quando a dura realidade se apresenta sem maiores ilusões. Nesse período, a reação que mais caracteriza o prisioneiro é a apatia. Passando o choque inicial, a pessoa vai morrendo por dentro, consumindo-se em dor e tristeza. O corpo padece devido ao serviço escravo, vai falindo, e a mente sofre pela falta de dignidade, pela falta de humanidade com que é tratada. Os sentimentos reativos vão se mortificando; há uma banalização do errado, uma mortificação do razoável.

A apatia e a insensibilidade emocional, o desleixo interior e a indiferença – tudo isso são características do que designamos de segunda fase dentro das reações psicológicas do recluso no campo de concentração – muito cedo também tornam a vítima insensível aos espancamentos diários e em quase cada hora. Essa ausência de sensibilidade constitui uma couraça sumamente necessária da qual se reveste em tempo a alma dos prisioneiros.<sup>14</sup>

A terceira fase é aquela que se inicia após a libertação do campo, em que o prisioneiro vê as coisas, mas não consegue senti-las. Após tanto subjuço, o prisioneiro agora liberto desaprendeu a ser feliz, a sentir a alegria. Sente-se envergonhado com essa incompetência e inapetência para usufruir dessa liberdade tão sonhada. Os dias jamais serão iguais para o sobrevivente, mas é possível que ele reaprenda a sentir.

[...] paras, olhas ao redor e olhas para o alto – e te prostras de joelhos. Neste momento não sabes muito de ti mesmo nem muito sobre o mundo. Dentro de ti apenas ouves as palavras, e sempre as mesmas palavras: “Na angústia gritei para o Senhor, e ele me respondeu no espaço livre”. – Quanto tempo ficaste ali ajoelhado? Quantas vezes repetiste aquelas palavras? A lembrança já não o sabe dizer... mas naquele dia, naquela hora, começou tua nova vida – isso sabes. E é passo a passo, não de outro modo, que entras nessa nova vida, tornas a ser pessoa.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Expressão usada no campo de concentração para designar o método usual de suicídio: tocar no fio de arame farpado de alta tensão.

<sup>14</sup> FRANKL, 2018, p. 39.

<sup>15</sup> FRANKL, 2018, p. 115-116.

Antes do final da guerra, de ser libertado, o prisioneiro 119104 passa por momentos horrivelmente desgraçados e, até então, inimagináveis. Conforme ele relata em seu livro *Em Busca de Sentido*, em uma noite – quando dormia amontado com cerca de nove pessoas em um triliche que media ao redor de 2 x 2,5m, com apenas dois cobertores –, foi despertado de forma não intencional por um companheiro que estava se debatendo ao ter um pesadelo. Frankl não ousou acordá-lo, pois sabia que o mais terrível dos sonhos não seria tão ruim como a realidade. Eis o conceito negativo de felicidade trabalhado em Schopenhauer:<sup>16</sup> a ausência de uma dor maior, de uma situação ainda mais desagradável, o não sofrimento naquele momento.

A ausência de sentimentos, sobretudo os ligados ao exercício empático, vai tomando uma proporção gigantesca dentro dos prisioneiros.

Na enfermaria morre um colega prisioneiro, outro examina os bolsos do morto e sarrupia-lhe as batatas, outro ainda fica com seu casaco. O corpo fica muito tempo estirado até que o “enfermeiro” vem retirá-lo, leva-o para fora. A enfermaria ficava abaixo do nível da rua, puxa as pernas, o tronco, a cabeça vai batendo lugubrememente nos degraus de 20 centímetros, o corpo é abandonado na neve. Na sequência vem a sopa, Frankl olha pela janela e lá está o corpo de seu colega, com quem conversara há poucas horas, com os olhos abertos, como que a olhar para Frankl. Volta a tomar a sopa, espantado por não sentir nada. Não fosse o desejo de entender, do ponto de vista científico, como um prisioneiro comum enfrenta psiquicamente o campo de concentração, esse episódio teria passado completamente despercebido.<sup>17</sup>

A Gestapo<sup>18</sup> tortura o prisioneiro 119104 e fixa a sua execução para o dia 3 de maio de 1945; mas, como por milagre, Viktor Emil Frankl é libertado em 27 de abril de 1945, seis dias antes da programação da sua morte e data em que costumava ir à sinagoga para agradecer.<sup>19</sup>

Em 15 de agosto de 1945, ele retorna a Viena para retomar sua vida. Tilly não estava mais ali para seguirem juntos; porém, dentre os destroços de uma Europa bombardeada e de sua alma dilacerada, chegara a hora da reconstrução: de si mesmo, do mundo e das pessoas.

Em 1945, Frankl escreve o livro que já foi lançado em quase 20 idiomas e vendeu mais de 10 milhões de cópias: *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Seu título originalmente em alemão era ... *trotzdem Ja zum Leben sagen* – ...

---

<sup>16</sup> Arthur Shopenhauer (1788-1860). Filósofo alemão.

<sup>17</sup> JESUS, 2018, p. 28-29.

<sup>18</sup> Polícia secreta nazista.

<sup>19</sup> Cf. AQUINO, 2013.

*Apesar de tudo, dizer sim à vida.* Na primeira tiragem do livro, o nome do autor não consta na capa, pois a ideia do escritor era lançá-lo de forma anônima, o que, por sorte e por ter ouvido o conselho dos seus amigos, não ocorreu.

Em 1947, Viktor Frankl se casa com Eleonore Schwindt e é nomeado professor associado de Neurologia e Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Foi diretor – durante 25 anos ininterruptos – do departamento de Neurologia da Policlínica de Viena, professor convidado das universidades de Harvard, Stanford, Dallas, San Diego e Pittsburgh, além de ter proferido conferências em mais de 200 universidades espalhadas pelo mundo. Recebeu o título de “doutor *honoris causa*” em 29 universidades da Europa, América do Sul, América do Norte, Ásia e África, sendo que um deles foi outorgado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no ano de 1984. Foi ainda indicado ao Prêmio Nobel da Paz e membro de honra da Academia Austríaca de Ciências. Morreu em Viena, no dia 2 de setembro de 1997, aos 92 anos de idade.

Essas experiências atípicas, por mais dolorosas, desumanas e nefastas, forjam o homem, o médico e o filósofo, e a vida nos campos de concentração no período da Segunda Guerra Mundial é a principal fonte para o maior desenvolvimento e a maturação do conceito da vontade de sentido, bem como dos caminhos possíveis para que o ser humano possa encontrar o sentido, o que será abordado ao longo desta dissertação.

### 3 O VAZIO EXISTENCIAL

A vida é o que há de mais precioso para os seres vivos. E com os humanos não é diferente. O Professor Pergentino Stefano Pivatto<sup>20</sup> diz, em suas aulas, que existe uma força que não pode ser medida e que está no mundo desde que o primeiro sinal de vida existiu. Ele a denomina “impulso sensivo”, e é essa força, esse impulso, que movimenta todos os seres vivos para a existência, ou seja, para nascer, crescer, multiplicar e seguir aqui o máximo de tempo possível. Manter-se vivo é o instinto basilar para os seres vivos, e dele derivam os demais instintos e pulsões. Mas como sabemos que a vida é o que há de mais precioso para os seres vivos? É porque podemos olhar para a outra face da mesma moeda, o seu viés negativo, a morte.

Somos seres relacionais, aprendemos, medimo-nos e crescemos porque conseguimos estabelecer relações: percebemos, sentimos e sabemos em relação a algo ou alguém. Precisamos de outro ente para comparar, conceituar e estabelecer nossas crenças e, por conta disso, compreendemos que a morte está ligada à vida de forma indissociável – uma não existe sem a outra – e que sair de cena dói. Doer é um verbo que o ser humano não gosta muito de conjugar na primeira pessoa do singular<sup>21</sup>, mesmo que a dor seja um importante elemento no movimento da vida. A falta dói; e se dói, de modo instintivo, nós a refutamos, pois não é algo bom, prazeroso. Morrer é despedir-se desse mundo; e até hoje não há comprovação de que a vida como a conhecemos siga em outro lugar. Por isso, o medo da morte e a possibilidade de não mais existir é o contraponto ao desejo de manutenção da vida.

É instintivo para os animais, incluindo os humanos, a defesa da própria vida. Quando algo não funciona bem com essa engrenagem orgânica que chamamos de corpo físico, experimentamos – na maioria das vezes – um desconforto; e se a coisa não se resolve ou não é corrigida, sentimos dor. A dor é um aviso, um sinal de alerta para que, ao senti-la percebamos que há alguma peça que não está funcionando corretamente. Por isso a rechaçamos, pois presumimos que, se não estamos com dor, tudo está funcionando corretamente. Ocorre que não somos só o corpo físico, portanto as demais partes do ser que pensa e sente não serão aqui

---

<sup>20</sup> Teólogo e Filósofo. Professor Doutor na PUCRS, lecionou na instituição no período de 1990 a 2020. <http://lattes.cnpq.br/7145040417313370>

<sup>21</sup> O verbo doer é um verbo defectivo, sendo conjugado apenas na 3.ª pessoa do singular e na 3.ª pessoa do plural. Além disso, também não é conjugado no modo imperativo. A frase “doer é um verbo que o ser humano não gosta muito de conjugar na primeira pessoa do singular” não se refere às regras de conjugação verbal da Língua Portuguesa.

ignoradas, pois muitas das dores mais avassaladoras, que podem beirar ao insuportável, residem na mente e no espírito humano.

Um lugar onde a incapacidade empática, a dor fortemente sentida e não sabida e a falta de autoestima imperam é a depressão. Vivemos a sua proliferação e, de certo modo, a sua banalização. Por desconhecimento da realidade do que é a patologia, qualquer traço de melancolia ou tristeza já é popularmente tratado como tal. Tornou-se parte do universo coloquial o termo “deprê” para relatar qualquer vestígio da falta de alegria, felicidade e bom humor, mesmo que saudável. Depressão é coisa séria e não pode ser banalizada.

O aumento dos índices de depressão em todo o globo tornou-se objeto de maiores atenções por parte da OMS (Organização Mundial da Saúde). Estima-se, que desde 2018, ao menos 320 milhões de pessoas, de todas as idades, sofram com este transtorno, dados que seguem na direção ascendente. A impressionante magnitude dos números impeliu a OMS a tratar a questão como uma pandemia. [...] Além disso, considera-se que a depressão contribuiu de forma importante para a carga global de doenças e a estimativa de que a depressão se tornaria a principal doença incapacitante em 2020 tem se confirmado. Nesse sentido, a depressão pode manifestar-se por ocasião de doenças crônicas, mas também pode estar associada a outras comorbidades, especialmente a ansiedade, transtornos alimentares, distúrbios do sono e, ainda, o estresse crônico e o *burnout*.<sup>22</sup>

Não trataremos aqui da abordagem referente à psiquiatria, de seus procedimentos farmacológicos e psicoterapias, pois o que importa nessa conversa é a perspectiva social e filosófica dessa condição humana.

Mas, se a vida traz consigo essa potência, essa grandiosidade, por que há tanta gente que sucumbe diante dela? Existem muitos fatores que podem estar relacionados às incapacidades do indivíduo ao se relacionar com a vida, todavia as pessoas só cumprirão de forma mais justa e equilibrada as suas respectivas jornadas pelo mundo se encontrarem sentido nas suas existências. A falta de sentido gera o “vazio existencial” – expressão cunhada por Frankl –, um sentimento de não pertencimento, uma espécie de percepção de que tudo está em desacordo, que nada faz sentido, uma sensação de ausência. Esse “vazio” em si não é uma neurose no aspecto estritamente clínico, mas dele derivam neuroses e patologias que efetivamente causam dor, desconforto e, por vezes, paralização do indivíduo ante os enfrentamentos cotidianos.

O sentimento de falta de sentido, tomado em si mesmo, não constitui propriamente uma neurose. Perguntar-se qual é o sentido da vida é um ato

---

<sup>22</sup> CASTRO, 2021, p. 17-18, grifo do autor.

especificamente humano – nenhum animal tem dúvidas acerca do sentido da sua existência –; e mais humano ainda é questionar se a vida tem algum sentido. Tal atitude é, além disso, um sintoma de amadurecimento espiritual: significa que a pessoa não se limita genericamente ao que lhe dizem os ideais e os valores tradicionais, mas tem coragem de lutar por um sentido pessoal, de procurá-lo por conta própria, com autonomia.<sup>23</sup>

Como um ser de cultura, o ser humano pode racionalizar suas pulsões, dirigindo seus desejos, determinando o rumo dos seus interesses, porém é preciso saber como fazê-lo. O vazio existencial – que Frankl considera uma “neurose noogênica”<sup>24</sup> – é um dos sintomas dessa incapacidade de não saber como se portar diante de tanta informação e da constante aceleração do tempo, que pôde ser mais bem percebida após as revoluções iniciadas na segunda metade do século XVIII. Em um mundo cada vez mais veloz, em que os crescentes avanços tecnológicos e o desejo infinito de consumo parecem trabalhar intensamente para a precoce obsolescência humana – ainda em vida –, há uma explosão de existências sem sentido.

A frustração da vontade de sentido traz o desejo de poder, bem como o “desejo de prazer”, isto é, o princípio do prazer. Este princípio do prazer é o pivô sobre o qual se articula toda a teoria da motivação da psicanálise freudiana. A psicologia adleriana por sua vez, atribuiu um importante papel, na etiologia da neurose, à busca pela superioridade, que por sua vez também é uma expressão do desejo de poder. Visto que Freud e Adler tiveram de lidar com pacientes neuróticos, ou seja, frustrados em sua vontade de sentido, é compreensível que pensassem que o homem se preocupa basicamente com o prazer ou o poder, respectivamente, mas não com o sentido.<sup>25</sup>

Frankl vive de forma intensa o século XX, acompanha as mudanças determinadas pelo ser humano no período e percebe um importante aumento nessa patologia social, essa neurose sociogênica batizada por ele de vazio existencial. As motivações que determinam o ingresso nesse vácuo de sentido vão mudando ao longo da linha histórica do tempo. O pós-guerra, a guerra fria, as duvidosas vitórias do mercado sobre o Estado, esse conjunto de eventos, aliados a outros tantos com um impacto menos global e visível, atua intensamente no processo de neurotização social. Mas é o capital, como o deus contemporâneo com mais seguidores no planeta, que, ao impulsionar as pessoas para a individualidade, estimulando o

---

<sup>23</sup> FRANKL, 2016, p. 15-16.

<sup>24</sup> Neurose noogênica – do grego *nôus*, espírito – é a situação de anormalidade psicológica causada por fatores espirituais. É um termo cunhado por Viktor E. Frankl, que denota uma forma de neurose decorrente da “frustração existencial”. Noogênica se refere à dimensão nooética ou espiritual em humanos.

<sup>25</sup> FRANKL, 2021, p. 42.

medo, o consumo desenfreado, determinando ilusoriamente que o universo se move ao redor do umbigo de cada um, mais empurra as pessoas para esse lugar carente de possibilidades, depressivo, vazio.

Nosso estilo de vida atual não tem muito espaço para a convicção no sentido. Vivemos num típico período pós-guerra. Ainda que num tom jornalístico, pode-se caracterizar o estado de espírito, a constituição psíquica do ser humano de hoje, do modo mais apropriado, como “psiquicamente bombardeado”. Tudo isso ainda não seria tão terrível se, por toda a parte, não se estivesse dominado também pela sensação de que, ao mesmo tempo, já se vive novamente num período pré-guerra.<sup>26</sup>

Viktor Emil Frankl, mesmo que não tenha experimentado a vida digital que se estabelece a partir dos anos 2000 – e que aumentaria assustadoramente o vácuo causado pela falta de sentido –, já percebia um desencantamento, uma falta de entusiasmo e de propósito aumentando entre os jovens.

A geração atual, os jovens de hoje – sendo que nas gerações jovens é que haveria maior probabilidade de se encontrar idealismo e entusiasmo – carece de qualquer exemplo a seguir. Foram mudanças em demasia que uma única geração teve que presenciar, foram demasiadas rupturas exteriores e, em seguida, interiores que ela teve de vivenciar – demais para uma geração, para que dela ainda devêssemos esperar idealismo ou entusiasmo.<sup>27</sup>

As revoluções tecnológicas se acentuam no início de século XXI. O advento e a popularização da internet – um evento de certa forma bastante recente – vai derrubando algumas fronteiras na comunicação, determinando um novo modelo nas relações humanas. O mundo digital e as novas tecnologias que chegaram ao varejo nos últimos 20 anos impactaram e seguem impactando de modo muito profundo as relações sociais. No aspecto físico, o planeta permanece do mesmo tamanho, mas, no que tange ao digital, as distâncias encurtaram absurdamente. Quando que um estudante do Brasil, no início da década de 1980, poderia imaginar que, mais ou menos em 40 anos, as pessoas munidas de um aparelho que cabe no bolso poderiam fazer videochamadas em tempo real para qualquer lugar do mundo?

O sociólogo Hartmut Rosa afirma que, na ânsia de buscar mais tempo para o seu prazer e para o seu ócio, o ser humano vem inventando coisas para que suas tarefas sejam realizadas de forma mais rápida. Assim, foram nascendo as primeiras ferramentas, as máquinas e todo o aparato tecnológico disponível atualmente. Em uma palestra na Pontifícia

---

<sup>26</sup> FRANKL, 2022, p. 25-26.

<sup>27</sup> FRANKL, 2022, p. 28.

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no início do mês de setembro do ano de 2023, ele usou o exemplo de que, há pouco tempo, para sabermos ou informarmos algo a alguém em outro lugar mais ou menos distante, usávamos e ousávamos escrever e posteriormente enviar uma carta. O processo durava cerca de um mês entre redigir o texto em uma ou mais folhas de papel, colocá-lo em um envelope, adicionar o endereço de quem a receberia, bem como de quem a estava remetendo, ir até a agência de Correios para postá-la e, após o êxito de todo esse processo, esperar que a pessoa fizesse o mesmo percurso de retorno. As tecnologias para a troca de mensagens usadas ampla e popularmente em 2023 reduziram esse tempo em muito... um mês se tornou um segundo! Com isso, as pessoas ganharam muito tempo. Será mesmo? Rosa esclarece que há uma contradição gigante nesse processo, pois, se o motivo inicial com essas novas ferramentas de comunicação era obter mais tempo livre, a aceleração da vida cotidiana nos impõe que respondamos não uma carta como outrora, e, sim, centenas de mensagens diárias que chegam pelo WhatsApp, pelos e-mails e pelas redes sociais. Em um mundo de conexões digitais, ter tempo para si é algo cada vez mais raro. Essa tecnologia, que nasce para que ganhemos tempo, para facilitar a vida, na prática do dia a dia, nos engole, sufoca e desequilibra, tornando o desejado tempo livre algo cada vez mais distante; e o que deveria causar um efeito desacelerador, paradoxalmente, cria um efeito acelerador.

A experiência de aceleração continua determinante até o presente, e deixa seus rastros em quase todos os diagnósticos, populares e científicos, do tempo. De fato, estabelece-se, no curso da revolução política de 1989 e da aproximadamente contemporânea “revolução digital” nas tecnologias de comunicação, e em face do processo de interligação global por ela possibilitado e facilitado, um discurso de aceleração mais recente, que Gundolf S. Freyermuth, no ano 2000, substituindo toda uma multidão de ensaístas, colunistas, políticos e economistas, com total consciência do histórico do diagnóstico da aceleração, sintetiza da seguinte forma: “somos contemporâneos de um ímpeto de aceleração único na história da humanidade – e que em retrospectiva faz a Revolução Industrial parecer confortável”.<sup>28</sup>

Na linha do tempo em que a humanidade está inserida, nunca houve, como agora, tamanha velocidade nos processos de mudança. O mundo de ontem parecia mover-se mais devagar, todavia, mesmo no mundo analógico, conflitos e estranhamentos na relação entre os indivíduos já estavam presentes, pois, quanto maior o número de pessoas convivendo – ou,

---

<sup>28</sup> ROSA, 2019, p. 29.

pelo menos, tentando viver em comunidade –, mais distâncias e diferenças de crenças existem.

Há uma facilidade jamais vivenciada até então no quesito contatar alguém; trocas virtuais saem do campo da ficção para a realidade, as redes sociais digitais se popularizam vendendo uma ideia fantasiosa de globalização irrestrita, de que o mundo é uma só nação, muito parecida com o paraíso pós-morte prometido em tantas tradições religiosas.

A tecnologia não é uma coisa ruim. Se você souber o que deseja da vida, ela pode ajudá-lo a conseguir. Mas se você não sabe, será muito fácil para a tecnologia moldar por você seus objetivos e assumir o controle de sua vida. E, à medida que a tecnologia adquire uma melhor compreensão dos humanos, você poderia se ver servindo a ela cada vez mais, em vez de ela servir a você. Você já viu esses zumbis que vagueiam pelas ruas com o rosto grudado em seus smartphones? Você acha que eles estão controlando a tecnologia ou é a tecnologia que os está controlando?<sup>29</sup>

Eis que, com tantas novidades, surge algo com um potencial gigantesco de mudança nas estruturas sociais, na maneira como as relações humanas se estabelecem, a algoritmização<sup>30</sup> da vida. Com a coleta de dados de todo o mundo, torna-se possível mapear os interesses, os anseios e as fragilidades de quem está atrás das telas dos smartphones, tablets e afins, e as empresas de tecnologia proprietárias das plataformas em que se constroem essas redes de conexão digital entre as pessoas criam cercas virtuais, mantendo, naquele tipo de lote, indivíduos que tendem a se satisfazer com coisas parecidas, comuns entre si.

Pertencer a alguma coisa, a algum lugar, é um desejo humano; sentir-se acolhido – mesmo que no metaverso – é confortável, e por isso é tão fácil o surgimento e o fortalecimento do que conhecemos nas redes como bolha social. Dentro da bolha, circulam notícias que reforçam as crenças do grupo, minimizando o interesse da pessoa em enxergar a diversidade do mundo. O que é plural ruma para o singular, e a intenção de transformar a vida inteira de uma pessoa em um valor puramente comercial encontra possibilidades de bons negócios nesse modelo narcisístico. Sobre esse narcisismo intensificado pelo mundo digital e o vazio atroz contemporâneo, o filósofo Byung-Chul Han escreve:

De onde vem a sensação atroz de vazio? Em primeiro lugar, é importante distinguir entre narcisismo e amor-próprio. O sujeito do amor-próprio marca

---

<sup>29</sup> HARARI, 2018, p. 328.

<sup>30</sup> Em um mundo em que as relações digitais ocupam um grande espaço na vida das pessoas e a Inteligência Artificial está cada vez mais presente no cotidiano dos indivíduos, os algoritmos conseguem dados suficientes para mapear os interesses de cada usuário da internet. É uma espécie de registro do perfil psicológico de cada um. Esse conjunto de dados é usado de muitas maneiras, não só para a venda de produtos, mas também para definir estratégias e rumos na manutenção de algumas estruturas sociais vigentes.

as diferenças entre si mesmo e os outros. Aqui estão dados os limites claros do eu que o diferenciam dos outros. Na relação consigo mesmo narcisista, ao contrário, o outro é retorcido de tal modo até que o *self* se reconheça nele. O sujeito narcisista percebe o mundo como sombras de si mesmo. A consequência fatal: o outro desaparece. O limite entre o *self* e os outros se dissipa. O *self* se mescla, tornando-se difuso. Um *self* estável surge somente em face do outro. A relação consigo mesmo excessiva, narcisista, produz, ao contrário, uma sensação de vazio. O eu afoga-se em si mesmo.<sup>31</sup>

As redes sociais virtuais publicizando cada vez mais fragmentos supra-hedonistas das vidas alheias, – em sua maioria clicados exaustivamente, até que, dentre dezenas ou centenas de poses de uma mesma cena, um registro fique bom para essa venda de vida artificialmente feliz, de mundo ideal, sem dores, tropeços ou amarguras – contribuem em grande parte para esse vazio interior.

Se nosso lugar no mundo e a nossa compreensão dele é construída em relação a algo, a alguma coisa, é no mínimo catastrófico olhar para a própria vida em comparação com essa vida mentirosa divulgada e escancarada pelo *digital influencer* do momento. No mundo das redes sociais, todos são bonitos, cheirosos, inteligentes, sedutores e bons amantes, e essa adoração do falso, dessas imagens e narrativas arranjadas, fortalece o vazio existencial, pois não é possível uma comparação da realidade de qualquer um com aquele “mundo perfeito”. A busca por essa autoconstrução de uma imagem lisa, sem imperfeições, nesse lugar em que a Mona Lisa de Leonardo da Vinci precisaria usar filtros de aplicativos virtuais para melhorar sua exposição e ganhar mais curtidas, a tendência é o desequilíbrio, porque, anestesiados e bêbados dessa constante compra e venda de vida fantasiosa digital, não há possibilidade de êxito na comparação.

Pois – e este é o ponto de partida –, entre as infinitas características que se multiplicam na vida contemporânea, muitos dos seus analistas excitados parecem descurar a principal. *Vivemos a era por excelência da idolatria*, no sentido consagrado por Flusser: “*Idolatria: incapacidade de decifrar os significados da ideia, não obstante a capacidade de lê-la, portanto, adoração da imagem*”. Ideias tomam formas cambiantes, elevam-se publicamente em sua platitude, metamorfoseiam-se em seu contrário, projetam tentáculos hipnóticos, ocupam toda sorte de espaço privilegiado, traduzem-se em linguagens constrangedoramente simplórias, muitas de sua própria invenção; ninguém deixa de vê-las e lê-las com a habilidade que uma criancinha demonstra ao desconectar sílabas de uma palavra complexa sem ter a menor ideia do significado de tal palavra. Insinuem-se imageticamente – magicamente – no campo da percepção. São sempre definitivas, vivem da

---

<sup>31</sup> HAN, 2021, p. 79-80, grifos do autor.

sua morte. Pois vivemos um tempo de glória da mediocridade, ou seja, de desvalia da inteligência.<sup>32</sup>

A hipervelocidade dos dados compartilhados, essa onda gigantesca de informações – reais ou inautênticas – disponibilizadas a todo instante, transforma o efêmero no grande protagonista da vida cotidiana. Não há tempo para a compreensão do fato, tampouco para que possamos ser radicais com a notícia que bate insistentemente à porta das notificações nas telas digitais. Sem a ação do tempo, a semente não germina, não se torna planta, não floresce, não frutifica, não amadurece para completar o ciclo da vida e voltar a ser semente. A efemeridade contribui para deixar tudo raso, inviabilizando o mergulho no profundo, na busca pela verdade, potencializando a idolatria. É um tratado de morte, pois a pressa, mais do que matar a possibilidade de conhecer e interpretar, se revela ainda mais brutal e maléfica quando não permite que nasça a capacidade crítica.

Sem o outro de carne e osso dotado de imperfeições que avalizam sua humanidade, sem essa tensão que se estabelece na relação entre os seres desiguais que se medem compartilhando deficiência e potência, não há troca, não é possível aprender, tampouco inexiste a oportunidade de que se construa uma autoestima verdadeira. O gostar de si sadio surge quando o outro te enxerga, te respeita e demonstra que a tua existência tem algum valor. Na construção da autoestima, se o outro me gosta, eu também posso me gostar. A superexposição no metaverso distancia-se da verdade e destrói a autoestima, pois quem se mede com os egos digitais alheios nunca está à altura deles.

Estamos vivenciando um período de hiperidolatria, da mitificação do esquisito, fútil e raso, da individualização extrema, e todos esses pontos citados enclausuram a pessoa em um arremedo de si mesma ou, pelo menos, em um ser que não aproveita as oportunidades da vida para desenvolver as suas potências.

Muitos jovens e adolescentes são atormentados hoje por medos difusos, medo de falhar, medo de fracassar, medo de ser deixado para trás, medo de cometer um erro ou tomar uma decisão errada, medo de não corresponder às próprias pretensões. Tem-se vergonha das próprias insuficiências.<sup>33</sup>

O medo surge de forma instintiva como proteção à vida, mas, em demasia, paralisa, escraviza, mata. É um vetor importante no controle do outro, um ingrediente eficaz para a

---

<sup>32</sup> SOUZA, 2020, p. 11, grifos do autor.

<sup>33</sup> HAN, 2021, p. 81.

dominação. Jeremy Bentham<sup>34</sup>, quando teorizou o cárcere ideal, o panóptico, tinha consciência do medo como uma potente arma de coerção, contudo não poderia imaginar que, no futuro, a “algoritmização” da sociedade funcionaria como um gigantesco panóptico digital, em que o Big Data<sup>35</sup> é a torre de controle, quem tem o acesso aos dados é o carcereiro, e o usuário da rede, o prisioneiro.

A confiança que se opõe ao medo poderia ser um antídoto ao atual panóptico digital, pois, para que uma relação real possa estabelecer-se, é preciso confiar no outro, na parte que não está sendo revelada, e, por isso, estabelecem-se regras e códigos morais que protegem essas relações. Ocorre que há uma contradição enorme. Desejamos que o nosso vizinho não saiba nada sobre as nossas vidas, desconfiamos de qualquer abordagem mais pessoal, não podemos revelar muito para que não fiquemos vulneráveis, enfim, temos medo de confiar. Mas, de forma inocentemente ridícula, nós damos de graça<sup>36</sup> todas as informações para as empresas de tecnologia que administram as redes sociais e os demais aplicativos que usamos. Eis a contradição: confiamos no ente errado, somos a ovelha que confia sua vida ao lobo.

No mundo digital, o controle consiste justamente em fazer com que todos os usuários se exponham até esvaziar qualquer sopro de privacidade, tornando desnecessário o ato de confiar, pois, se a torre de controle – Big Data – sabe tudo a respeito de todos – usuário –, a relação de dominação está formatada. A nuvem que armazena as autorrevelações e exposições de cada um, ao ser acessada, desvela cada milímetro da personalidade, das crenças e do modo de vida do pesquisado, sabendo mais do perfil psicológico daquela pessoa do que o seu próprio terapeuta ou seus parentes e amigos mais próximos. Mais do que transformar o indivíduo em um prisioneiro, o metaverso pode transformá-lo em um escravo, pois privacidade virou peça de museu para quem já visitou a internet.

Por essas e outras tantas razões, percebe-se um aumento na fragilidade emocional do ser humano, que o torna vulnerável para o confronto com o imprevisto, o não óbvio, o que está fora da condição de que se viva no modo automático e previsível – que é esse lugar para o qual todos os caminhos de consumo do mundo atual apontam. Nossa existência não pode

---

<sup>34</sup> Jeremy Bentham (1748-1832) é um filósofo e jurista inglês. Em sua teoria utilitária, sustenta que os indivíduos buscam mais prazer e menos dor. Essa forma de pensar está diretamente ligada à ideia de custo-benefício, em que as pessoas agirão esperando alcançar maior felicidade.

<sup>35</sup> Big Data é um conjunto de dados extremamente amplos que, por isso, necessitam de ferramentas especiais para comportar o grande volume encontrado, extraído, organizado e transformado em informações que possibilitam uma análise abrangente em tempo hábil.

<sup>36</sup> Tu já leste na íntegra os termos de uso dos aplicativos?

ser vã, há um propósito a ser descoberto. Entretanto, sem uma saudável tensão entre o eu e o mundo, o ser e o dever ser, estamos fadados a fracassar. Essa crise é a base para que se estabeleça o movimento, a busca, o exercício da vontade, porém o obstáculo é ainda maior do que a possibilidade de não realização, pois a incapacidade de lidar com qualquer problema real é mais grave do que precisar encarar uma derrota.

A leitura meramente negativa do termo “crise” faz com que, consciente ou inconscientemente, tenhamos medo dela, da negatividade que ela representa; e, ao descurarmos a sua dimensão profundamente positiva, abdicamos de aproveitar o tempo da crise para encetar as modificações necessárias nas condutas pessoais e sociais. Cria-se assim um círculo vicioso: temos medo exatamente dos momentos e situações que nos permitiriam, pela correta interpretação dos fatos, a tomada de posição frente à realidade que impediria que outras crises como aquela emergissem. Ao percebermos apenas o lado “negativo” da crise, *fugimos das chances de superação de nossos medos e problemas através da conscientização do sentido da crise*, porque, mal-entendendo, julgamos que estas chances sejam pura destrutividade. Mas a vida é uma crise constante, uma permanente *crise de crescimento*. Ao negarmos a crise, como veremos adiante, estamos, na verdade, negando possibilidades à própria vida.<sup>37</sup>

Muitas pessoas não estão sabendo lidar com a falta no mundo físico, na “vida real”<sup>38</sup>, pois ela inexistente no universo virtual, e é justamente ela, a falta, que ajuda a forjar um ser humano mais consciente da realidade na sua existência física. Se a vida no metaverso protege-o das dores e dos enfrentamentos mais tensos, se essa pessoa se transforma em um avatar<sup>39</sup> infalível, que tem todas as suas expectativas supridas no mundo digital, se a tela do mobile, tablet ou computador é um grande escudo que bloqueia as terríveis forças do mal, também é o metaverso que fragiliza o indivíduo diante de qualquer problema prático no dia a dia, na vida de carne e osso.

A vida exige entrega, engajamento, esforço, e são as suas contingências que forjam o ser humano para transpor os seus percalços. Sem pequenas doses de *experimentum crucis*, qualquer olhar de desaprovação, um simples “não” – por menor que seja –, é um grande

---

<sup>37</sup> SOUZA, 2008, p. 32-33, grifos do autor.

<sup>38</sup> Termo usado para diferenciar histórias ficcionais – cinema e teatro, por exemplo – das histórias reais. Algumas ações realizadas no metaverso interferem na vida fora dele, porém o problema está em não enxergar essa diferença. No teatro e no cinema, muitos personagens podem ter características em comum com os artistas que os estão representando, todavia o personagem não é o ator/a atriz que o representa. Do mesmo modo, o avatar na rede não é o usuário, e, sim, uma projeção.

<sup>39</sup> Usaremos aqui o conceito que faz parte do campo semântico da informática: *avatar* é a manifestação corporal de alguém no espaço cibernético.

motivo para a insatisfação, e a ideia de positividade que nos é vendida a todo instante, demasiada e irreal, infelizmente é um estímulo para o desgosto e a frustração.

Em um momento do mundo em que há uma valorização excessiva do desempenho, falta tempo para o ócio capaz de gerar contemplação, criatividade e exercício empático. A sociedade que se tornou escrava do desempenho não conversa com a alteridade; muito antes pelo contrário: ela potencializa o individualismo, pois fomenta no sujeito expectativas cada vez maiores, cada vez mais difíceis de ser alcançadas. Nessa autoconcorrência, ele estabelece um duelo consigo mesmo, como se fosse possível quebrar seus próprios records diariamente. Nesse modelo, a vida tem se tornado um “bater metas”, e não importa quanto sucesso a pessoa obtenha todos os dias, porque, quando a primeira das metas não é vencida, a expectativa naufraga, e a frustração desaloja a realização e a felicidade.

Problemática não é a concorrência entre os indivíduos, mas o fato de tomarem a si mesmos como referência e de aguçar neles, assim, sua *concorrência absoluta*. O sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e, sob uma coação destrutiva, se vê forçado a superar constantemente a si próprio. Essa auto coação, que se apresenta como liberdade, acaba sendo fatal para ele. *O burnout<sup>40</sup> é o resultado da concorrência absoluta.*<sup>41</sup>

A tecnologia nos traz muitos benefícios, vide a expectativa de vida das pessoas que vem aumentando e a possibilidade de troca de informações para os enfrentamentos de problemas globais, dentre tantas outras coisas positivas. Atualmente, um cidadão brasileiro de classe média possui muito mais acesso à saúde, locomoção, informação e educação, do que um rei no medievo. O mundo melhorou em muitos sentidos, mas tanta novidade traz consigo uma impossibilidade de se estar conectado com todas as coisas, o tempo todo. O veloz bombardeio de informações que chegam sem cessar induz a pessoa a se manter na superfície. Nunca foi tão fácil parecer inteligente, e nunca foi tão difícil aumentar o número de pessoas que realmente desejam conhecer a raiz das coisas. Vivemos o período das manchetes, em que muita gente acha que sabe, que tem conhecimento e domínio do que está sendo falado, só porque acessou o Facebook, o X (antigo Twitter) ou recebeu, no grupo de WhatsApp, uma notícia – muitas vezes, de procedência duvidosa – e leu o título da matéria. Os fatos nunca foram tão irrelevantes. O que vale é a narrativa. A verdade está fora de moda.

---

<sup>40</sup> Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico, resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho.

<sup>41</sup> HAN, 2019, p. 99-100, grifos do autor.

No mundo do desempenho, da idolatria e da hiperconexão digital, muitas pessoas são empurradas para o vazio existencial, pois é impossível para o ser humano aprofundar-se em todos os assuntos disponíveis na *timeline* das redes. Parece bobo, mas na realidade é triste, porque atesta o despreparo para lidar com a frustração.

No intuito de trazer para a reflexão esse tema difícil e complexo, segue o texto de uma música composta especialmente para este trabalho.

Vazio

Há um vazio

Dentro de mim

E nem sei por que

Me sinto assim

Me disseram que a vida era fácil

E pelas telas me fizeram acreditar

Que o mundo era só felicidade

Sem defeitos como o meu avatar

E um dia quando eu abri os olhos

Conheci a tristeza e a frustração

Não consigo mais sorrir sem ser “na *selfie*”

Pois o vazio invadiu meu coração<sup>42</sup>

Então, tudo na vida é desespero e caos? Não. Píncaros de felicidade existem, e, ao longo da existência terrena, a maioria de nós poderá vivenciar algo assim. Vale ressaltar que esses momentos apoteóticos diferem de pessoa para pessoa. O que é igual é o fato de que não é possível que alguém viva todo o tempo nesse modo totalmente feliz. Overdose de felicidade mata, faz morrer a realidade daquele que acredita ser possível viver a vida assim, como uma imagem sorridente congelada e datada no Instagram.

---

<sup>42</sup> Para escutar a música *Vazio*, acessar o link: <https://youtu.be/RetYeeyl5KI>

#### 4 A VONTADE DE SENTIDO

O que é a vontade de sentido?

Essa indagação poderia ser respondida de diversas formas e pontos de vista. Alguns diriam que é uma busca por sabe-se lá o que, e outros apostariam que talvez seja um mapa ou uma espécie de roteiro preestabelecido por um livro de autoajuda, porém nada disso parece dialogar com a ideia e o conceito criado por Viktor Emil Frankl.

Ele afirma que a patologia do nosso tempo é a neurotização da humanidade, um adoecimento social advindo dessa frustração existencial, desse vazio causado pela falta de sentido. Os três sintomas básicos dessa neurose coletiva são: depressão, agressão e adição. Isso facilmente se comprova pelo aumento do número de suicídios, violência e drogadição entre os jovens – e outros nem tão jovens assim.

A busca por uma felicidade inalcançável, fictícia, essa fome desenfreada de consumo estimulada por sedutoras e atrativas propagandas, em que o ter geralmente possui supremacia sobre o ser, contribui em muito para essa patologia global.

No século XXI, o vazio interior e a sensação da perda de sentido da vida continuam a ser alguns dos principais problemas e desafios do ser humano. Eu gostaria de aqui cunhar a expressão científica “inhaca existencial” para referir esse enorme vazio: anônimo, inconcusso, indefinível, inenarrável, que se agiganta no interior do sujeito e o assombra. O problema do sentido da vida só surge quando a pessoa se confronta com a falta de sentido, que se manifesta portentosamente pelo sentimento de vazio.<sup>43</sup>

Frankl já observava que, na Áustria dos anos 1970 – quando o estado de bem-estar social se estabelecia –, muitos jovens entre 14 e 15 anos atentavam contra a própria vida. Estavam superprotegidos, não eram expostos pela família e pela sociedade a quase nenhuma tensão, e, de um modo geral, as suas necessidades estavam supridas. Esse grupo de pessoas não era desafiado a fazer algo pelo outro, a buscar um ideal, e, erroneamente, o que parece ser um gesto de superestima torna-se justamente o contrário. Ao tentar proteger esse jovem de toda e qualquer frustração ou aborrecimento, a sociedade o subestima, o enfraquece, e ele adocece, pois a necessidade que não estava suprida é a mais importante dentre elas: a necessidade de encontrar um sentido. Então seria mais adequado – ou menos nocivo – colocar exigências mais altas na pessoa do que não exigir nada dela? Segundo Frankl, sim, porque,

---

<sup>43</sup> JESUS, 2018, p. 18.

sem exigências, nenhum movimento salutar é possível, e a tensão que se forma entre o que o indivíduo é e o que ele deveria tornar-se precisa existir.

A uma afirmação dessas só posso responder que, quando há três anos comecei a ter aulas de voo para aprender a pilotar, o meu instrutor fez este comentário a respeito de um voo que iríamos fazer: “Se decolarmos daqui e quisermos pousar exatamente ao norte, com um vento leste de 20 nós, não podemos ajustar a bússola para 90°. Precisamos dirigir o nariz do avião para 70° NO, e assim nos dirigiremos exatamente para o norte. Se embicássemos para 90°, acabaríamos derivando 110° por causa do vento”. Este exemplo deixa claro o motivo pelo qual atribuo ao ser humano motivações elevadas. Se me dizem que o estou sobre-estimando e exigindo-lhe demasiado, respondo: “Não. Somente o estou dirigindo para uma direção em que pode pousar”. Se exigirmos do homem o que ele *deve* ser, faremos dele o que ele *pode* ser. Se, pelo contrário, o aceitarmos *como é*, então acabaremos por torná-lo pior do que é. Quem me disse isso não foi meu instrutor de voo; é uma citação quase literal de Goethe. Portanto, este idealismo – se é que se trata de idealismo – é, no fim das contas, o único realismo verdadeiro.<sup>44</sup>

Se o ser humano busca o equilíbrio na sua conexão consigo e com o mundo, é imprescindível compreender a diferença entre desejo e necessidade. O que é necessário precisa ser suprido para não causar um dano real ao indivíduo; já o fracasso do desejo, não. Por exemplo, é necessário comer e alimentar-se bem para que o corpo esteja fortalecido, potente, vivo, mas não é uma necessidade de que esse alimento seja uma fruta exótica de sabor inigualável que só pode ser colhida na segunda lua cheia de um ano bissexto. Essa fruta hipotética é um desejo, que, quando fracassa, certamente gera um desapontamento. Todavia, essa expectativa frustrada não nos coloca diante de uma barreira intransponível; basta que aprendamos a lidar com as contingências.

Hoje em dia, a frustração existencial desempenha um papel mais importante do que nunca. Basta pensar o quanto o ser humano de hoje sofre não apenas por causa de uma progressiva perda do instinto, mas também de uma perda da tradição: na dimensão vital, as tarefas da vida são atribuídas pelos instintos e na dimensão social, pelas tradições. Mas ao ser humano que foi expulso do paraíso da proteção e da segurança pelos instintos e, em especial, ao ser humano de hoje, que – para além dessa perda dos instintos – foi entregue a si mesmo pela perda da tradição, nem os instintos revelam o que tem de fazer, nem as tradições o que deve fazer: a partir de sua vontade de sentido sabe, contudo, que quer dever. Mas muitas vezes não sabe mais o que deve querer. Em outras palavras, não sabe mais a respeito do sentido mesmo.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> FRANKL, 2016, p. 17-18, grifos do autor.

<sup>45</sup> FRANKL, 2019, p. 79.

E como saber se essa busca por um sentido para a vida não é só mais um raso discurso motivacional, sem base, sem fundamento? Muitíssimas vezes, o caminho mais efetivo para que possamos provar alguma ideia ou algum argumento que defendemos é negando a coisa, ou seja, pelo seu viés negativo. E é por isso que percebemos de forma mais clara o quanto uma vida necessita de sentido, pois, quando confrontados com a sua ausência, com o vazio existencial, com toda a inércia, fadiga e impossibilidade que esse vácuo traz consigo, fica explícita a sua importância para o movimento do ser humano.

A vontade de sentido expressa algo inerente ao ser humano que não é outra coisa senão a busca da felicidade. Esta busca da felicidade está presente em todo processo de crescimento da humanidade. Algumas vezes, esta busca recebeu outros nomes, porém, o denominador comum é sempre o mesmo. O estar-no-mundo implica na busca de um sentido e quem descobre o sentido que lhe dá uma razão para viver está no caminho do que o pensador filósofo, o cientista ou o simples homem da rua chama no profundo do seu ser: a felicidade, ser feliz.<sup>46</sup>

As pessoas trazem dentro de si o instinto de sobrevivência. Para sobreviver, precisam de alimento, e a busca por ele é, antes de tudo, instintiva, vide o bebê que, ao nascer, procura o seio da mãe e, ao encontrá-lo, o suga com todas as suas forças. Instinto. Porém, quando o ser humano produz pratos mais elaborados, combinando ingredientes que aliam saúde e, principalmente, sabor, ele não está pensando somente na sua sobrevivência; ele está buscando o prazer na ação de se alimentar, desenvolvendo rituais que emolduram o ato instintivo, estabelecendo a cultura<sup>47</sup>.

É inegável que a busca pelo prazer sempre esteve em pauta na trajetória humana. Sigmund Freud (1856-1939), considerado o pai da psicanálise, afirma que a chave para interpretar o ser humano é o desejo de prazer, que essa busca é o que realmente movimenta a pessoa. Alfred Adler (1870-1937), discípulo de Freud, afirma que a chave interpretativa do ser humano é o desejo de poder, esse sim o real combustível para o movimento da gente. Não é preciso ser um grande pensador para notar que ambos os desejos movimentam em muito o *Homo sapiens*, pois o que é bom, o que encanta – prazer e poder entram nessa seara –, é a

---

<sup>46</sup> HERRERA, 2021, p. 190.

<sup>47</sup> O conceito de cultura é aqui pensado de forma bem simples: cultura é uma espécie de capa, de roupa que veste um povo. Alguns fatores determinam essa vestimenta, dentre eles a geografia, o instinto de sobrevivência e a busca por uma zona de conforto comum. Valores são criados e trabalhados, desenvolvem-se convenções e crenças que vão “vestindo” aquele grupo de seres humanos, e essas coisas todas se diferenciam e se assemelham em comparação com outro grupo inserido em uma outra geografia, em outro contexto.

busca da maioria das pessoas no mundo, dia após dia; e essa vontade está para além dos instintos.

Viktor Emil Frankl, vai além dos conceitos freudianos e adlerianos. Ao pensarmos naquela metáfora de anões sobre os ombros de gigantes – em que a síntese é conhecer mais por estar alicerçado em descobertas anteriores –, percebemos Adler construindo o conceito do desejo de poder como a chave interpretativa do ser humano montado sobre os ombros do gigante Sigmund Freud e, sobre os ombros dos dois, “o anão” Frankl, enxergando ainda mais longe. Para ele, o que movimenta o ser humano é a vontade de sentido. Ele enxerga o desejo de prazer e o desejo de poder como sintomas ou efeitos colaterais oriundos da falta de sentido. É como se a pessoa, na ânsia de ter prazer ou poder, pulasse etapas, não compreendendo que prazer e poder são resultados de ações exitosas na busca de sentido, uma espécie de presente recebido ao final das jornadas, ou, pelo menos, em meio a elas, pois quem não se atenta ao caminho tende a não chegar ao destino.

Em última análise, vemos que tanto o desejo de prazer quanto o desejo de poder são derivados da fundamental vontade de sentido. O prazer, como mencionado acima, é um efeito da realização de sentido; o poder é um meio para um fim. Uma certa dose de poder, como o poder econômico ou financeiro, geralmente é um pré-requisito para a realização de sentido. Assim poderíamos dizer que o desejo de prazer confunde o efeito com o fim, enquanto o desejo de poder confunde os meios para um fim com o próprio fim.<sup>48</sup>

Se o movimento e o direcionamento da vida rumam para esse lugar, para o encontro da felicidade e do que é bom, também o que é ruim tem uma importante função nesse processo. Ao experimentar o ruim – salvo se o indivíduo, no caso, sofrer de uma psicopatologia, se for masoquista –, uma pessoa normal não sentirá alegria; muito antes pelo contrário, sentirá dor, desconforto, e todo esse incômodo gerado deixará marcas.

Mas o que pode ser aprendido com o ruim? Uma resposta singela dirá que o viés negativo é sempre um sinal de alerta para o que não fazer, e, na pior das hipóteses, quando se prova o gosto do ruim, potencializa-se o sabor do bom. Aprender o que não se deve fazer também é um modo de valorizar a vida, é mais um passo em direção ao dever ser. Ocorre que, mais adiante, discutiremos sobre os três grupos de valores na busca pelo sentido, e um dos caminhos nessa busca é o dos valores atitudinais, em que a discussão de como agir diante de enfrentamentos desconfortáveis, de possíveis *experimentum crucis*, será o cerne da questão.

---

<sup>48</sup> FRANKL, 2021, p. 103-104.

Um ser humano não é uma coisa entre outras. As coisas determinam umas às outras, mas o homem, em última análise, é autodeterminado; ele se torna aquilo que faz de si mesmo. No campo de concentração, por exemplo, esse laboratório vivo e campo de testes que ele foi, observamos e testemunhamos alguns de nossos companheiros se comportarem como porcos, enquanto outros se comportavam como santos. O homem tem ambos os potenciais dentro de si. Qual deles será manifestado, isso depende de decisões, mas não de circunstâncias.<sup>49</sup>

Frankl alerta para que tenhamos uma compreensão mais abrangente da pessoa humana, pois, muitas vezes, nos apoiamos em concepções antropológicas distorcidas, reducionistas, como se as áreas da ciência que criam esses conceitos fossem autoabsolutas. Se pensarmos no ser humano como alguém que não é mais do que o determinado pelos seus instintos, cairemos em um psicologismo. Se sustentarmos que ele não é mais do que o produto das crenças da classe social à qual pertence, em um sociologismo, bem como se alegarmos que a herança genética é o que determina a sua existência, mergulharemos em um biologismo. E todos esses “ismos” são reducionistas, apequenam a pessoa.

É um erro conceituar o todo porque conhecemos um pedaço dele. Nessa perspectiva reducionista, o ser humano se torna apenas um fantoche sem liberdade na tentativa de desenvolver sua vontade de sentido, porque viver para satisfazer suas próprias necessidades em um processo de autorrealização – como objeto de intenção direta –, na verdade, é um caminho para a frustração dessa vontade. Não é possível que se encontre o sentido em si mesmo, em uma relação narcisística, porque o sentido está no mundo, e só poderemos descobri-lo partindo da tentativa de uma autotranscendência.

E autotranscendência, o que é? Do que estamos falando? Autotranscender é sair de si, ir além da própria identidade e projetar-se em algo exterior, buscar conexão com outros horizontes, uma expansão da consciência. Sobre o tema, Frankl diz:

Essa autotranscendência da existência humana pode ser mais bem explicada se recorremos ao exemplo do olho. Haveis alguma vez vos dado conta do paradoxo de que a capacidade do olho de apreender o mundo depende de sua incapacidade de ver a si mesmo? Quando o olho vê a si mesmo ou algo de si mesmo? Só quando adoece. Se sofro de catarata, percebo-o sob a forma de uma nuvem; vejo então, em volta das fontes luminosas, uma auréola de cores do arco-íris. De um modo ou outro, à medida que o olho vê algo de si mesmo, nessa mesma proporção perturba-se a visão. O olho deve ter a capacidade de não reparar em si mesmo. E o mesmo acontece ao homem. Quanto menos ele reparar em si mesmo, mais ele é o próprio homem, mais se realiza a si mesmo. Só o esquecimento de si conduz à sensibilidade e só a

---

<sup>49</sup> FRANKL, 2021, p. 65.

entrega de si amplia a criatividade. O homem é, em virtude de sua autotranscendência, um ser em busca de sentido.<sup>50</sup>

Autotranscender é um ultrapassar a si mesmo, é a condição de possibilidade para encontrar sentidos na vida. Reparaste que, na frase anterior, “sentido” está no plural? É porque não há um sentido único e geral a ser buscado como um antídoto exclusivo para o vazio existencial, nem é possível que ele seja encontrado internamente, dentro de si; são as indagações da vida que podem trazer sentido ao serem genuinamente respondidas, autoindagadas,

e esse sentido pode ser mais de um, aliás, podem – e talvez devam – ser muitos os sentidos que despertam ao longo do dia e no transcorrer de todo o tempo da existência do indivíduo.

Para a obtenção do êxito na busca pela vontade de sentido, é preciso que haja uma inversão no que tradicionalmente está posto, pois, geralmente, perguntamos o que eu quero, o que eu desejo, eu, eu, eu. Geralmente, a pergunta está centrada no eu, construímos dessa maneira nossa relação com o mundo, narcisística e egoisticamente. Todavia, a realização não ocorre quando o indivíduo sabatina a vida, e, sim, quando a cada momento ele se propõe a responder as perguntas que a vida apresenta, quando, nesse processo de autodescobrimento, ele se posiciona como o indagado.

O que se faz necessário aqui é uma reviravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. Falando em termos filosóficos, poder-se-ia dizer que se trata de fazer uma revolução copernicana.<sup>51</sup>

Por maior que seja o estranhamento que a citação anterior possa causar em uma primeira impressão, a síntese é que o sentido da vida é externo, isto é, só pode ser encontrado no mundo, e não em si mesmo. Por isso, autotranscender é preciso. Não há magia, e por mais que, para Frankl, a condição consciente e espiritual seja determinante no êxito ou no fracasso da busca por sentido, que a autotranscendência seja preponderante nessa jornada, é a realidade da vida que exige enfrentamentos. Encontrar sentido é ter força e possibilidades para essa realização prática e cotidiana da vida. É na vida o lugar no qual o sentido deve ser descoberto, nas ações práticas, na carne que realiza, porque o ser humano é sempre ser-em-situação, ou

---

<sup>50</sup> FRANKL, 2015, p. 107.

<sup>51</sup> FRANKL, 2018, p. 101.

seja, um indivíduo concreto em uma situação concreta, não está predeterminado a ter uma reação para algo que ainda não se apresentou.

O sentido da vida deve ser concebido em termos do sentido específico de uma vida pessoal em uma determinada situação. Afinal, cada homem é único e a vida de cada homem é única; ninguém é substituível, nem sua vida pode ser repetida. Essa dupla singularidade aumenta a responsabilidade do homem. Em última análise, essa responsabilidade deriva do fato existencial de que a vida é uma cadeia de perguntas às quais o homem deve responder com sua própria vida, ou seja, sendo responsável, tomando decisões, decidindo quais respostas dar às questões individuais. E atrevo-me a dizer que cada pergunta tem somente uma resposta: a certa! Isso não significa que o homem seja sempre capaz de encontrar a resposta ou a solução certa para cada problema, que seja sempre capaz de encontrar o verdadeiro sentido de sua existência! Ao contrário: como ser finito que é, ele não está imune a erros e, portanto, deve correr o risco de errar. [...] Ou, como eu diria em minha linguagem prosaica: temos que tentar alcançar o melhor absoluto, caso contrário não chegaremos nem mesmo ao bom relativo.<sup>52</sup>

O sentido não é globalizante e genérico e, por ter essa característica da individualidade, é único e intrasferível, não dá para passar a função adiante. Devido à construção moral do Ocidente estar, em grande parte, alicerçada na tradição judaico-cristã, pode até parecer que há um sentido comum e universal, pois alguns valores humanos, como o respeito pela vida, tendem a ser um desejo da maioria; mas não é disso que se está tratando. O que precisa estar claro aqui é que a busca por essa vontade de sentido não é coletiva, mesmo que o desejo possa ser, pois é a transcendência de cada um ao se deparar com um valor criativo, experiencial ou atitudinal, que ditará o jeito de agir naquela busca. E isso é um caminho que só pode ser percorrido de forma única e individual.

O sentido que cada ser deve cumprir é algo para além de si mesmo; nunca é apenas ele mesmo. Somente se essa alteridade for conservada pelo sentido, poderá então o sentido exercer sobre a pessoa aquele caráter de demanda que se submete a uma análise fenomenológica de nossa experiência da existência. Somente um sentido que não seja apenas auto-expressão do ser pode representar um verdadeiro desafio por este ser. Vocês devem se lembrar do que está escrito na Bíblia: a glória de Deus seguia na frente, em forma de nuvem, quando os israelitas vagavam pelo deserto; só assim era possível que eles fossem guiados por Deus. Imaginem, por outro lado, o que teria acontecido se a presença de Deus, a nuvem, tivesse ficado bem em cima deles. Em vez de guiá-los no caminho certo, teria nublado tudo, fazendo com que eles se perdessem. O que quero dizer é que o sentido não deve coincidir com o ser; o sentido deve estar à frente do ser: *o sentido dita o ritmo do ser.*

---

<sup>52</sup> FRANKL, 2021, p. 112-113.

A existência vacila, a menos que seja vivida nos termos de uma transcendência em direção a algo para além de si mesma.<sup>53</sup>

A busca por um sentido – que, segundo Frankl, é a maior força motivadora humana – estabelece-se na tensão interior de cada um, no confronto gerado entre o que se é e o que se deveria ser. Essa tensão entre o que já foi alcançado e o que se busca alcançar é um ingrediente importante no despertar da vontade de sentido, ou seja, a luta e o esforço na busca por um objetivo que valha a pena ser realizado. Se essa tensão for pequena, a inércia, o tédio e a indiferença tendem a ser o destino da pessoa; se ela for grande, desembocará em desespero e frustração. Portanto, a tensão que é a força motriz, o combustível para o êxito na busca e no exercício dessa vontade, precisa estar equilibrada. O dever ser, o nosso ponto almejado de chegada, flerta com a esperança, com o desejo utópico da perfeição das pessoas. E, por mais que alguém possa argumentar que utopias são ilusões inalcançáveis, delírios do nosso pensar, a pergunta pertinente é: não serão elas potentes fontes de mudança e melhoria para o ser humano, para as comunidades, para o mundo?

Na verdade, a busca do homem por um sentido pode provocar uma tensão interna em vez de equilíbrio. No entanto, essa tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. Atrevo-me a dizer que nada no mundo ajuda tanto à sobrevivência, mesmo nas piores circunstâncias, quanto o conhecimento de que a vida tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras do filósofo Nietzsche: “Quem tem um *porquê* para viver suporta quase qualquer *como*”.<sup>54</sup>

A sociedade humana deseja rumar para um padrão, um estado perene de bem-estar social, por isso, luta e trabalha para essa conquista, e esse movimento é louvável. Ocorre que essa mesma sociedade que se propõe a satisfazer e gratificar todo tipo de necessidade humana, cada uma delas, esquece-se ou abdica da necessidade mais básica e fundamental em atividade nas pessoas: a necessidade de sentido. Já faz milhares de anos que deixamos de ser aqueles animais em que “subexistir”, ou não morrer precocemente, era a tônica para um bom viver, e, desde então, tornamo-nos seres detentores da vontade de sentido.

Somos seres excepcionais no contexto da natureza. Nossa vida não se restringe ao mero subsistir, pois a dimensão humana da vida nos projeta na procura do sentido para o existir transformando a subsistência em existência. A diferença entre a mera subsistência natural da vida e a procura de sentido para a existência, constitui o diferencial da vida humana; ela não se conforma com sobreviver e busca um *porquê* para viver; não aceita usufruir

---

<sup>53</sup> FRANKL, 2021, p. 108, grifos do autor.

<sup>54</sup> FRANKL, 2021, p. 59, grifos do autor.

uma vida natural e por isso se debate na procura de um sentido humano que sobre-naturalize a vida. Esta cisão operada entre o mero sobre-viver e a busca de sentido para o viver define a identidade do humano. [...] Esta busca de sentido, tão específica da vida humana, lhe confronta com experiências únicas, entre elas a experiência do futuro, a noção de contingência e a experiência do desejo de plenitude.<sup>55</sup>

Uma orientação para o futuro, uma tarefa imaginada e planejada para o amanhã, foi um dos elos comuns entre os sobreviventes de muitas guerras em períodos diferentes da nossa história. Desejar reencontrar alguém que ama e que te espera para realizar algo, deixar florescer a esperança, essa orientação para além de si mesmo, não é só um apenas sobreviver, e, sim, um por que sobreviver. Quando encontramos sentido, estamos prontos para conviver com as benesses e adversidades postas pela vida; por ele nos doamos, sofremos e nos submetemos às tensões e aos enfrentamentos relativos a essa entrega.

Existem algumas indagações pertinentes quando tratamos do exercício dessa vontade. O sentido realmente existe? É uma construção subjetiva? Sim, o sentido realmente existe e está no mundo, sendo um ente que só pode ser apreendido pela emoção. Sentir para perceber e acolher, para posteriormente racionalizar o que for possível – já que o sentido é algo mais abrangente do que a razão de um indivíduo. Todavia, não se trata de menorizar a razão que desenvolve um papel muito importante no processo de absorção e compreensão do sentido. É ela que responde por essa mediação. Quanto ao sentido ser uma construção subjetiva, devemos saber que ele é único porque cada indivíduo traz consigo um ineditismo, o que lhe confere a subjetividade. Porém, no que compete à construção, a coisa não é muito clara. Podemos construir a nossa relação com o sentido, e essa relação é subjetiva. Contudo, não se pode construir o sentido, pois ele já existe e precisa ser encontrado no exterior da pessoa, no universo com o qual ela se relaciona.

Frankl, para auxiliar na compreensão da vontade de sentido, cita Karl Jaspers<sup>56</sup>: “O homem se torna o que é por força da causa que tornou sua”. Apropriar-se da sua vida, ter as rédeas do seu próprio destino nas mãos, é um passo correto em direção ao encontro do sentido. Mas como encontrar sentido? Em que lugar ele está? Quais são os caminhos e percursos que podem propiciar esse encontro?

---

<sup>55</sup> RUIZ, 2006, p. 33-34.

<sup>56</sup> Karl Theodor Jaspers (1883-1969), filósofo existencialista e psiquiatra alemão.

Antes de tratarmos dos caminhos para o êxito na busca do sentido, é preciso que se faça um pequeno exercício axiológico, ou seja, uma pequena reflexão sobre a natureza do valor e dos juízos de valor.

O termo “valor” é usado freqüentemente na linguagem comum em sentido econômico e designa o preço de uma mercadoria; assim, as lojas anunciam o valor do paletó e as bolsas apregoam o valor da soja. Valor significa, então, o caráter das coisas que são trocadas por determinada quantia e costuma chamar-se “valor de troca” por oposição ao “valor de uso”; a água límpida da fonte, por exemplo, não tem “valor de troca”, mas “valor de uso”. Na fala cotidiana também empregamos a palavra valor em sentidos diferentes e não econômicos: uma obra de arte de grande valor, um homem médico, artista, cientista, atleta de valor invulgar; nesses casos o termo “valor” expressa qualidades exímias e excepcionais, intrínsecas a coisas e pessoas. Em Ética, o vocábulo “valor” qualifica ações humanas como ações de “valor moral”, isto é, ações praticadas de acordo com o seu “dever-ser”.<sup>57</sup>

O valor, portanto, possui muitas faces e, em alguns momentos, se assemelha ao sentido. Quando pensamos na imaterialidade conceitual de ambos, quando sabemos que pessoas morreram por uma causa que julgavam ser nobre, quando abordamos a possibilidade de autotranscedência realizada pela porção espiritual no ser humano ao se conectar com a natureza das coisas do mundo, ambos, valor e sentido, se parecem muito, pois o ser do valor e o ser do sentido carregam traços comuns nas suas essências.

Numa tentativa de síntese destacamos estas afirmações fundamentais e divergentes nas posições assumidas face à conceituação do ser do valor:

1.º existem valores num mundo à parte, como seres independentes dos homens e das coisas; à semelhança das idéias platônicas seriam essências ou realidades separadas das entidades mundanas; nessa categoria podem incluir-se Max Scheler (objetos da emoção) e Nicolai Hartmann (objetos do espírito); 2.º os valores preexistem ao homem nas coisas; confundem-se com o próprio ser e são qualidades inerentes aos entes, realizadas neles sem a mínima relação com o sujeito humano: antes que o homem existisse, as coisas já eram valiosas e não dependem das preferências humanas; para Lotze, por exemplo, valor é uma forma peculiar de ser que se distingue da forma de ser real e da forma de ser ideal: os valores não são entes que existem no espaço e no tempo e não são seres ideais, pois, apesar de intemporalis como os entes de razão, sua forma de realidade não é a do ser real nem a do ser ideal, mas a de ser valioso; a bondade, a beleza, a santidade não são coisas reais nem entes ideais;

3.º o valor é relativo ao homem e funda-se totalmente na subjetividade; o agrado ou desagrado, o desejo ou a repugnância, a atração ou a repulsa constituem a última essência do valor. Meinong afirma que algo é valioso porque me agrada; Ehrenfels, seu discípulo, sente que o conceito do mestre limita os valores às coisas existentes – somente essas podem tornar-se objeto de agrado – e dá maior extensão a esse conceito herdado ao localizar a

---

<sup>57</sup> KUNZ, 1978, p. 187, grifos do autor.

essência do valor no desejo, que atinge também os entes ainda não existentes. No espaço dos valores relativos é possível situar igualmente a teoria sociológica de Émile Durkheim (1858-1917), que coloca a origem dos valores na sociedade; o valor é um fato social, criado pela presença e atividade de uma sociedade; a maternidade, *verbi gratia*, somente é valor numa sociedade como a nossa em que ela corresponde às necessidades da situação atual.<sup>58</sup>

Valor e sentido podem e devem caminhar de mãos dadas rumo ao dever ser. É valoroso encontrar sentido. E por mais que os valores e os sentidos sejam muitos, há uma tendência de que os valores possam ser pensados, construídos e aceitos de forma coletiva, diferentemente do sentido. É claro que cada ser humano tem seus critérios individuais de valoração, de atribuir valor às coisas. A unicidade que marca a pessoa é a responsável pelo desejo e pela percepção que difere diante de cada objeto – há uma dignidade do objeto que merece ser desejada<sup>59</sup> –, mas é no coletivo que os valores crescem e se fortalecem. Em relação ao sentido, o indivíduo também pode encontrá-lo em uma ação com a colaboração de outras pessoas ou em um movimento para o benefício coletivo. Isso está correto, porém a descoberta é sempre individual e intrasferível.

O ser humano é um sujeito que se realiza na sua relação com o outro – planta, bicho, terra, gente, fogo, ar, água e demais elementos físicos e metafísicos. E nesse movimento de existir, de “ser-no-mundo”, ele busca sentido. Como encontrá-lo? Aprendendo sobre as três categorias de valores nessa busca: os valores criativos, vivenciais e atitudinais!

---

<sup>58</sup> KUNZ, 1978, p. 190.

<sup>59</sup> Cf. KUNZ, 1978.

## 5 AS CATEGORIAS DE VALORES NA REALIZAÇÃO DE SENTIDO

É muitíssimo provável que algumas das perguntas mais frequentes na história da humanidade sejam: quem sou eu?; qual é o sentido da vida? Essas questões já foram respondidas das mais variadas formas, com respostas ora simples, ora complexas, às vezes, inusitadas, noutras pretensiosas, de maneira rasa ou profunda, todavia seguem abertas e nunca se encerram, pois o movimento peculiar à existência humana ainda não possibilitou que essas soluções sejam definitivas. A cada geração, os nossos horizontes de percepção das coisas que nos rodeiam são expandidos, o movimento da vida vai mudando as peças de lugar, e por mais que essas perguntas ainda sejam feitas todos os dias, ou seja, seguem sendo as mesmas, as conclusões possíveis são diferentes, pois cada geração precisa de uma resposta adequada ao seu tempo, à sua condição.

Nós, seres humanos, necessitamos de significados, clamamos por sentido, por mais que muitas dessas significações sejam construídas sobre narrativas de certa maneira frágeis, que, ao serem confrontadas com a razão, ao fim e ao cabo, não teriam como se sustentar. Somos carentes de sentido em um mundo repleto de mistérios, porque a nossa razão finita não consegue abarcar a grandiosidade de tudo o que se coloca diante dos nossos sentidos. Como “ser-no-mundo” – que é o que somos –, precisamos descobrir qual o sentido desse ser na relação com os outros entes, com a diversidade das coisas e os fenômenos por elas revelados, pois o ser humano não é um sistema fechado em si mesmo – apesar da sua condição identitária única e da sua irrepetibilidade, por vezes, induzirem a pensar que sejamos uma espécie de mônada – porque a sua condição de estar no mundo, a possibilidade de existência, crescimento, aprendizado e autotranscendência, só pode ser viabilizada pelo outro, o que o torna parte do coletivo, um pequeno fragmento de algo bem maior, como um elo da corrente ou um fio que ajuda a trançar uma rede. Vale lembrar que, se cada ser é único, também as suas buscas e realizações de sentido o são, isto é, a coletividade pode estar na pauta, mas a busca e seu potencial encontro são exclusivos.

[...] a auto-realização também pertence a uma classe de fenômenos que só podem ser obtidos como efeitos colaterais, mas são frustrados precisamente na medida em que se tornam objeto de uma intenção direta. A auto-realização é uma coisa boa. No entanto, creio que o homem só pode se realizar na medida em que realiza o sentido. Nesse caso, a auto-realização

ocorre por si mesma, automaticamente, por assim dizer, sendo arruinada – como o prazer – quando se torna um fim em si mesma.<sup>60</sup>

A vontade de sentido não é um impulso de autorrealização, e, sim, um caminho possível para que o indivíduo possa experienciá-la. O impulso de autorrealização como um fim em si mesmo torna-se uma busca egoísta, pois a pessoa embarcaria nessa jornada de realização do sentido como um mecanismo para se livrar desse impulso, como o adicto<sup>61</sup>, que busca nas drogas um remédio ineficaz, torto e possivelmente fugaz, na tentativa de amenizar as suas dores, na intenção de restaurar seu equilíbrio interno.

Mas como encontrar esse sentido? Em que lugar? O que devemos buscar? O nosso ponto final físico corpóreo se estabelece com a morte. Alguém pode pensar e até professar que, se vamos morrer, nada faz sentido, que, cedo ou tarde, tudo acaba mesmo. Nesse caso, a vida seria o quê? Um estar aqui vegetativo? O que justifica nossa estada por aqui? Morte e vida são elementos indissociáveis, e a certeza da nossa finitude é o que nos instiga a encontrar sentidos para essa existência, o que estabelece a vontade de sentido e a liberdade dessa vontade.

A pergunta pelo sentido da vida revela uma problemática essencial do ser humano. O ser humano é um ser histórico-social situado em coordenadas de tempo e espaço que conformam uma estrutura. Esta estrutura vai precedida de um sentido e, segundo Ludwig Binswanger<sup>62</sup>, está presente, embora não seja confessado e expresso. Em consequência, não se pode excluir da realidade humana o fator da temporalidade do devir. A realidade do tempo não se esgota na vivência presentista (que exagera a dimensão e o valor do presente). A realidade do tempo integra o passado (experiências vividas) e o presente (dimensão da experiência atual) para formar uma atitude pessoal diante do futuro. A dimensão integral, da vivência do tempo e no tempo, inclui a própria orientação, meta, ou seja, o sentido. Fazer-se a pergunta pelo sentido da vida é a manifestação de uma dimensão genuinamente humana e não a mostra de uma patologia. Além disso, primariamente, não se deve ver o fenômeno como um sintoma, mas como a expressão do humano no que tem de ser livre, responsável e dirigido ao espiritual (o logos, noético).<sup>63</sup>

A dimensão espiritual é, segundo Frankl, o que estabelece antropologicamente o salto qualitativo do ser humano sobre os outros entes do planeta. É por conta dela que temos a

---

<sup>60</sup> FRANKL, 2021, p. 105-106.

<sup>61</sup> Os adictos são pessoas com uma predisposição natural ao consumo arriscado ou perigoso de álcool ou de outras drogas. Essas pessoas possuiriam uma compulsão inata para ingerir ou tomar a(s) substância(s) preferida(s) e uma grande determinação para obter a substância de qualquer maneira.

<sup>62</sup> Ludwig Binswanger (1881-1966), psiquiatra suíço pioneiro na área da psicologia fenomenológica-existencial. É um dos criadores da Daseinsanalyse.

<sup>63</sup> HERRERA, 2021, p. 214.

capacidade genuinamente humana da autotranscendência, de indagarmos pelo sentido da própria vida. A possibilidade de pensar nisso, de realizar essa pergunta, é um privilégio. Quando observamos outras espécies animais, comprovamos que existem boas formas de organização social – formigas, abelhas e cupins são ótimos exemplos –, mas ainda não sabemos se há algum outro ser vivo que tenha a capacidade de perguntar pelo sentido da sua existência. Até agora, parece que não, mesmo que a cosmovisão de alguns povos originários seja bastante generosa e acolhedora quando crê que cada ser vivo é o protagonista do seu mundo. Ou seja, no mundo da onça, é ela que está no topo, bem como, no mundo dos mosquitos, esse protagonismo cabe ao mosquito, e assim por diante.

Aquele que é capaz de dirigir a vontade de sentido para fora de si mesmo, naquilo que Frankl chama de autotranscendência, ou seja, a capacidade de ultrapassar-se a si mesmo, dirigir essa vontade para algo fora de si: um amor, uma memória, um projeto, um objetivo, uma pessoa, um cuidado... Vontade de sentido, esse é o motor da vida humana, essa é a verdade interior que sempre de novo volta. Isso é o que há de mais característico e próprio do ser humano, de mais essencial e construtivo, não as pulsões, não os instintos. É o esforço básico, primário, primevo, do ser humano, buscar realizar propósitos e sentidos.<sup>64</sup>

Será que as pessoas trazem em si certo tipo de “apriorismo” no que tange à necessidade de encontrar sentido? Nossa fração espiritual traz consigo essa motivação? Por ora, essas respostas não são possíveis, são parte dos insolúveis mistérios do mundo, mas a força que nos move em busca de sentidos para as nossas ações perante as indagações que a vida nos faz cotidianamente é tamanha, que nos leva para as mais variadas reflexões.

Dentre tantos questionamentos relacionados e inerentes ao percurso de causa e efeito das coisas do mundo, já discorreremos sobre o vazio existencial como um sintoma de uma neurotização social e, principalmente, sobre a vontade de sentido como chave interpretativa do ser humano. Essa que é a motivação essencial para uma existência saudável. Porém, faltamos pensar nos caminhos para a realização desse encontro, da vontade com o sentido. Para Frankl, esse é um caminho concreto, pois é a vida na sua concretude que indaga: e aí? O que tu vais fazer com o que estou te apresentando? Diante das circunstâncias reais e factíveis de cada existência humana, há sempre uma exigência que precisa ser realizada para a manutenção da própria vida. Ninguém pode dar o sentido para alguém. Não é possível. Um médico não pode prescrever um sentido, um artesão também não consegue esculpi-lo, um

---

<sup>64</sup> JESUS, 2018, p. 35-36.

poeta não o recita, enfim, não há como dar o sentido de presente para quem a gente gosta. Essa busca é pessoal, única e, por sua vez, intransferível.

Com uma consciência crescente, pode-se, então, finalmente descobrir que a vida não deixa de ter sentido até o último momento. Isso se deve ao fato de que, como revela a análise fenomenológica, o homem não só acha sua vida significativa por seus atos, suas obras, sua criatividade, mas também por suas experiências, seu encontro com o bom, o belo e o verdadeiro no mundo, e, finalmente, seu encontro com o outro: um ser humano em sua própria singularidade. [...] Em resumo, a vida pode se tornar significativa de três maneiras: primeiro, por meio daquilo que *damos* à vida (em termos de obras criativas); segundo, por aquilo que *recebemos* do mundo (em termos de valores de experiência, seja na natureza ou na cultura); e terceiro, por meio da *postura que assumimos* perante um destino que não podemos mais mudar (uma doença incurável, um câncer inoperável ou algo semelhante).<sup>65</sup>

Se o sentido não está na prateleira do mercado para ser comprado, se não é um produto a ser adquirido mediante pagamento financeiro, como podemos sabê-lo, tê-lo, encontrá-lo, visto que, no mundo atual, quase tudo pode ser adquirido com alguns cliques na tela do *mobile*? Frankl nos aponta a possibilidade de percorrermos alguns caminhos para que encontremos significado nas nossas jornadas pelo mundo. Segundo ele, são três as categorias de valores que a vida pode ofertar-nos ao longo da contingência dos dias – já que é ela própria que nos indaga, e não o contrário. São eles: os valores criativos; valores vivenciais ou experienciais<sup>66</sup>; e valores atitudinais.

Quando se afirma que o sentido da vida acontece pela realização de valores, não se está propondo algo metafísico ou abstrato, ao contrário, algo muito concreto. O problema do sentido da vida é uma tarefa concreta, que desafia os seres humanos em contextos diferentes da vida, na saúde, no trabalho, nas finanças, nos relacionamentos, na cultura; nos momentos alegres, plenos e sublimes, mas também nos momentos difíceis, complicados e trágicos. Trata-se de uma questão concreta, do ser humano real, e não de uma digressão teórica.<sup>67</sup>

Munidos dessa possibilidade, a de transitar por essa tríade de valores tendo o anseio de realização como elemento motriz, é possível que cada indivíduo em sua unicidade consiga responder os questionamentos feitos pelos fatos que a vida apresenta diariamente, e a chance da obtenção do êxito nessas respostas poderá existir diante da compreensão de que é o próprio

---

<sup>65</sup> FRANKL, 2021, p. 110-111, grifos do autor.

<sup>66</sup> Algumas traduções e alguns comentadores usam o termo “valores experienciais” em vez de “valores vivenciais”. Ambos os termos se referem ao mesmo grupo de valores abordados por Frankl. Neste trabalho, usaremos prioritariamente o termo “valores vivenciais”.

<sup>67</sup> JESUS, 2018, p. 50.

ser humano o responsável pela sua trajetória. A singularidade resulta na liberdade de escolha nessa busca, porém, sem o comprometimento consigo e a responsabilidade alicerçada em valores éticos diante da imprevisibilidade apresentada pela vida, não há caminho a ser percorrido ao encontro do sentido.

No pensamento de Frankl, vemos que o ser humano, fenomenologicamente falando, pode encontrar e descobrir o sentido da vida a partir de três caminhos fundamentais ou de três experiências basicamente humanas: 1. Quando experimento que não somente sou capaz de dar algo para o mundo, mas que, de fato, ofereço algo por meio das minhas criações, isto é, o meu trabalho ou a minha ocupação. Valores de criação. 2. Quando encontro e descubro que não somente sou um ser capaz de dar algo de mim para o mundo, mas que, além disso, posso receber algo do mundo. Este receber pode ser por meio do contato com as vivências de tipo estático, a contemplação das maravilhas da natureza e a meditação que nos revelam a assombrosa gratuidade com que se introduzem como dom para o ser humano. A experiência mais profunda, neste segundo caminho, é o encontrar-se com outro ser humano e descobrir nele a sua unicidade, a sua irrepitibilidade, o seu ser agora e todas as potencialidades que podem levá-lo a se converter numa pessoa mais plena. Esta é a experiência transcendente do encontro humano, que admite diversos níveis que percorrem todos os tipos de amizade até chegar ao amor profundo. Valores de experiência. 3. Quando o ser humano se vê impossibilitado de encontrar e descobrir o sentido pelo caminho do criar (dar) e do experimentar (receber), isto é, dos valores de criação e dos valores de experiência, então, encontra-se no umbral dos valores de atitude.<sup>68</sup>

## 5.1 VALORES CRIATIVOS

Frankl afirma que um dos caminhos para a possível descoberta de sentido na nossa existência terrena tem relação com o que podemos dar ao mundo, com aquilo que criamos e compartilhamos. Os valores criativos ou valores de criação nascem de um esforço, que, personificados em trabalho, ação prática, atitude que realiza e atividades profissionais, podem ter grande significado. É mais do que a profissão e sua condição operacional, mecânica, é a autotranscendência da pessoa e sua irrepitibilidade respondendo as indagações do cotidiano, em vez de lhe perguntar. A resposta certa para esses questionamentos da vida está vinculada à conduta responsável do indivíduo como “ser-no-mundo”.

É factível falar de uma fenomenologia extraída da vida do homem da rua, que nos mostra que os homens e mulheres, de sempre, buscam descobrir o sentido a cabo, primariamente, pela via intelectual ou das discussões filosóficas, mas por caminhos próximos à experiência cotidiana e que

---

<sup>68</sup> HERRERA, 2021, p. 219.

confirmam que a vida tem sentido incondicionalmente. A incondicionalidade da existência do sentido não implica, direta e imediatamente de uma forma transparente e diáfana. Por isso, podemos afirmar que, junto à incondicionalidade da existência do sentido, está a necessidade de se pôr em busca do sentido para revelá-lo, pois o sentido é e está e não temos que inventá-lo, criá-lo etc.<sup>69</sup>

Quando o indivíduo, conscientemente, compreende que é único e percebe que essa condição, em vez de o levar à soberba, requer o desenvolvimento de responsabilidade para com o mundo, suas ações adquirem um status de missão, e o trabalho passa a ser um conduto de realização com significados, para quem o doa e para quem o recebe. O trabalho é uma forma de realizar, de tornar concretos os valores criativos, e por ele também é possível a conexão do indivíduo com o coletivo, porque criar algo que possa impactar positivamente a comunidade humana é sempre valoroso. Quantas vezes já ouvimos a frase “o trabalho realiza” ou “o trabalho dignifica o homem”? Sob uma ótica frankliana, poderíamos dizer que sim, o trabalho realiza e dignifica o ser humano, pois, nessa perspectiva, enxergamos o quanto o exercício laboral pode humanizar a pessoa, construindo a relação dela com o mundo, com os outros integrantes da comunidade. Quando constatamos que o ser humano é único e irrepetível, vale pensar e observar que mais interessante do que a profissão exercida é o jeito, a maneira com que cada um se apropria do seu fazer, e isso é o que realmente tem relevância, significado e sentido. Como comunidade humana, podemos comparar-nos a um grande quebra-cabeças em que cada peça difere da outra, porém é justamente isso, essa unicidade, a responsável pelo êxito na conclusão do quebra-cabeças. A imagem completa só pode ser reproduzida com o encaixe de cada peça no seu devido lugar, ou seja, cada um de nós traz diferentes aptidões que, encaixadas no lugar certo, complementam as inabilidades do outro. O trabalho é uma condição para essa colaboração.

Há uma ideia que vem sendo construída pelo atroz sistema de consumo e que se prolifera de maneira muitíssimo veloz no mundo digital: que todas as nossas ações precisam ser apoteóticas, mais do que isso, heroicas até. São anos e mais anos de propagandas explícitas e subliminares que ataçam o sem fundo do desejo humano na intenção de vender coisas – todas as coisas – e gerar lucro financeiro. Essa ideia impressa na maior parte das pessoas que integram a sociedade de consumo minimiza e distorce o valor do trabalho, pois reduz todo o processo de criação em um fazer dinheiro. Desvaloriza uma pequena ação

---

<sup>69</sup> HERRERA, 2021, p. 218.

criativa – mesmo que repleta de dignidade e significados para quem a realiza –, ao afirmar que ela não tem aptidão para render curtidas, e que são essas métricas virtuais que importam no mundo atual, enclausurando, naquele velho vazio existencial sobre o qual discorremos anteriormente, a possibilidade de encontrar sentido. Fazer dinheiro o tempo todo é uma espécie de mantra repetido incessantemente pelo deus capitalismo, a ponto de nos fazer crer no absurdo reducionista de que trabalho é somente dinheiro. Para ilustrar a desumanidade por trás dessa “voracidade capital”<sup>70</sup>, vale lembrar o interesse de algumas pesquisas militares em descobrir um caminho, antídoto, remédio ou algo similar, para reduzir a necessidade de sono de uma pessoa, no intuito de criar soldados que não dormem, sempre alertas e vigilantes – por, pelo menos, sete dias. O intuito subsequente é acabar com a pausa no consumo, já que pessoas dormindo não compram.

A história mostra que inovações relacionadas à guerra são inevitavelmente assimiladas na esfera social mais ampla, e o soldado sem sono seria o precursor do trabalhador ou do consumidor sem sono. Produtos contra o sono, após agressiva campanha de marketing das empresas farmacêuticas, iriam se tornar uma opção de estilo de vida – e depois, para muitos, uma necessidade. Mercados atuando em regime de 24/7 – 24 horas por sete dias na semana – e infraestrutura global para o trabalho e o consumo contínuos existem há algum tempo, mas agora é o homem que está sendo usado como cobaia para o perfeito funcionamento da engrenagem.<sup>71</sup>

É óbvio que precisamos de capital para termos acesso à satisfação das nossas necessidades. É ele que se encarrega disso, de abrir as portas do comprar, todavia o trabalho criativo, essa força que cria e doa, é muito mais do que uma possibilidade de *ter* algo, é um caminho concreto para *ser* algo, uma possibilidade de sentido. Então, isso quer dizer que, se estou apto para trabalhar, é porque encontrei o sentido? A resposta é não. Em primeiro lugar, é bastante ingênuo pensarmos em um sentido único porque os sentidos são muitos, e é melhor que tenhamos essa clareza. Em segundo lugar, estar apto a realizar um trabalho só é um primeiro passo em direção à vontade de sentido, ao exercício dessa vontade. É como chegar no guichê da venda de passagens na rodoviária e comprar uma passagem para o destino desejado. Estar apto para o trabalho é ter a passagem em mãos, procurar pelos sentidos, a própria viagem.

É frequente observar que o trabalho e o ser humano que trabalha, inserido na complexidade dos sistemas sociais atuais, são empregados sutilmente em

---

<sup>70</sup> O termo “voracidade capital” é usado aqui como um desejo desenfreado de produzir dinheiro e morte.

<sup>71</sup> CRARY, 2016, p.13.

função da produção e da produtividade. Se vamos além das implicações éticas que este modo de proceder ostenta, veremos que *a capacidade de trabalho não é tudo, não constitui razão necessária nem suficiente para infundir a vida de sentido*. À capacidade de trabalho não se segue necessariamente uma vida plena de sentido. É conveniente pensar, com frequência, no para-quê de nossas ações e comprovar se elas têm uma orientação de valores definida.<sup>72</sup>

Dentre essas três avenidas metafóricas – valores criativos, vivenciais e atitudinais – que podem conduzi-lo ao sentido, o caminho do dar ao mundo alguma realização obtida com o trabalho – valores criativos – talvez seja o mais popular ou, pelo menos, aquele com mais adeptos. Pode não ser o caminho com as paisagens mais bonitas; a avenida dos valores vivenciais tende a nos brindar com mais possibilidades de encantamento contemplativo. Tampouco é o caminho mais difícil de ser percorrido; essa chancela cabe à avenida dos valores atitudinais. Porém, ao que parece, todo o ser humano, independentemente de raça, credo ou cor, pode encontrar sentido ao realizar, com o seu trabalho, algo para o outro.

A curiosidade é inata aos seres pensantes e está intimamente ligada à vontade de conhecer, aprender e apreender. É um ingrediente vital na busca pelo sentido, pois o trabalho, que, em um primeiro momento, se materializa instintiva e racionalmente pela necessidade de sobrevivência, também é forjado na curiosidade. É ela que nos movimenta para a construção de ferramentas no intuito de resolver as dificuldades concretas da existência. Concretude – já falamos dela por aqui –, eis a importância das indagações da vida que podem ser respondidas com ações práticas relacionadas e resolvidas com o trabalho.

Quando o trabalho realiza e doa algo para o mundo, além da necessidade e curiosidade que já estão impressas na ação, podemos enxergar a criatividade. Para criar algo, é vital a autotranscendência – o que está intrinsecamente ligado ao processo criativo –, pois a criatividade é o exercício da consciência que se desloca para um desejo de realização, para pensar um mapa que leve até a atividade de criar. Não é raro que se relacione criatividade e arte, porque a arte é reflexo do pensamento criativo que realiza. Todavia, por mais que esse casamento entre processos artísticos e criativos seja feliz e exitoso, a arte não é a dona da criatividade. Ao que parece, a arte está ainda mais adequada ao segundo grupo de valores – vivenciais –, que trataremos na sequência, e só está sendo citada aqui nos valores criativos porque, para o artista que a realiza, ela é trabalho e, por sua vez, possibilidade de sentido.

---

<sup>72</sup> HERRERA, 2021, p. 224, grifos do autor.

As profissões ou qualquer trabalho humano constam de certas regras de procedimento. Contudo, o valor de um trabalho não se reduz a seguir exatamente e de modo frio as regras, mas a descobrir que, a partir disso, posso dar esse toque pessoal, único, esse selo da minha humanidade. No caso da arte, esta também guarda cânones estabelecidos, mas o encanto de uma obra de arte não está somente em ter acatado determinadas normas, mas na inspiração e entrega pessoal.<sup>73</sup>

O trabalho é uma condição de possibilidade da vida humana, mesmo para um indivíduo que não pode exercê-lo por conta de algum transtorno, deficiência, síndrome ou alguma patologia que o impeça. Nesses casos, alguém precisa trabalhar para essa pessoa, para que a comunidade siga de pé. Ou seja, a sociedade se organiza para suprir as demandas de quem não pode trabalhar, o que também pode trazer sentido para quem o realiza. Com toda essa importância nas nossas vidas, fica fácil pensar o trabalho como um caminho para a realização de sentido. Mas quando falta trabalho para quem tem condições físicas e psíquicas para realizá-lo? Aí, o vazio existencial pode ir se chegando sorrateiramente. Sem trabalho, a pessoa poderá desenvolver alguns sintomas oriundos da falta de sentido, a apatia pode ser uma visita constante, desenvolvendo, na sequência, uma falta de ímpeto e iniciativa para mudar a rota que leva para a depressão. A falta do trabalho na vida humana, dessa condição de realizar e doar, tende a criar uma distorção nos valores criativos. O indivíduo pode confundir um problema coletivo, social e estrutural como o desemprego, como algo de sua única responsabilidade, isto é, deposita sobre si, sobre os seus próprios ombros, o peso de uma responsabilidade que, no mínimo, precisaria ser compartilhada com outros entes. Esse foco distorcido, essa incapacidade de leitura da realidade, pode empurrar a pessoa para o vazio existencial, espaço em que nada faz sentido.

A enorme dimensão que o trabalho abrange na vida humana tem, em seu viés positivo, a real possibilidade de apresentar sentidos para as pessoas, porém o seu viés negativo, a falta dele, cria um buraco na existência daquele que não o tem, que não o realiza. Gonzaguinha, em uma das estrofes da sua música *Guerreiro Menino*<sup>74</sup>, escreve: “Um homem se humilha se castram seu sonho, seu sonho é sua vida e vida é trabalho, e sem o seu trabalho, um homem não tem honra, e sem a sua honra, se morre se mata”. O sonho, como projeto e desejo de realizar, traz em si a vontade de sentido, e, quando essa vontade é castrada, quando

---

<sup>73</sup> HERRERA, 2021, p. 222.

<sup>74</sup> Música composta por Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991), o “Gonzaguinha”. Foi lançada em 1983, no álbum “Alô, alô Brasil”. Para ouvi-la, acesse: <https://youtu.be/7UAIDBgOqLc?si=t2Tr1Whske2HGXCb>

a possibilidade de trabalhar é usurpada, perde-se a altivez e a força que nos leva ao encontro do sentido. Não há mais a honra construída na autoestima que realiza, e, sem sentido, se morre, se mata.

Diante da neurose do desemprego, o ser humano costuma optar também pelo caminho do “*fatum*” diante do “*factum*” (atitude fatalista diante dos fatos) ou sentir que as suas próprias falhas, desinteresse ou falta de entrega à luta é assunto do “destino”. A neurose do desemprego é, *como qualquer sintoma neurótico, consequência, expressão e meio*. Existe uma confusão que ficará plenamente esclarecida. Uma coisa é o trabalho que um ser humano desempenha e outra, bem distinta, a sua missão pessoal na vida. Quando se chega a situações forçadas de desemprego, a pessoa, por essa falsa identificação (profissão, emprego, missão), sente dor e que é um ser sem sentido, inútil no mundo.<sup>75</sup>

Há uma relação bonita entre trabalho e doação. No mundo atual, calcado em grande parte pelo individualismo, a palavra doação fica um tanto esvaziada ao ser usada frequentemente com o significado de assistencialismo. Também é assistencialismo, mas não o é somente; é muito mais do que isso. Dar algo ao mundo, produzido com o próprio esforço, dedicação, inspiração e transpiração, é doação, mesmo que o realizador esteja sendo remunerado financeiramente por sua criação. A beleza está no processo de construir algo com as próprias mãos e entregar, doar esse resultado para todos, independentemente da importância mercadológica desse trabalho. O ser humano que encontra sentido nas suas realizações laborais tende a ser feliz.

A configuração do que é trabalho tem mudado bastante. Antes da primeira revolução industrial, trabalho era sinônimo de serviço braçal. E faz menos de 50 anos que a sociedade entendia que uma pessoa estudaria para ter uma profissão que a ocuparia durante toda a sua vida produtiva, isto é, seria um trabalhador de determinada área desde o primeiro dia de serviço até a sua aposentadoria. Ao longo desse período, profissões deixaram de existir, outras novas surgiram e estão a surgir, mas talvez a mudança mais desafiadora para quem está ingressando na vida profissional na década de 2020 é que, possivelmente, esse trabalhador terá algumas profissões até o final da sua existência. Portanto, adaptar-se ao novo tem sido uma questão de vida ou morte. A visão romântica de que a pessoa precisava descobrir sua vocação profissional, porque essa escolha seria determinante para a escolha da ocupação que a acompanharia pela vida inteira, está fora do jogo. A vocação que realmente importa é aquela que pode direcionar ao sentido, a que faz a pessoa brilhar o olho quando está trabalhando,

---

<sup>75</sup> HERRERA, 2021, p. 223, grifos do autor.

produzindo, criando algo para doar ao mundo, e isso independe da profissão ou das profissões exercidas no decorrer da vida.

O ser humano contemporâneo se assemelha muito ao personagem da mitologia grega Sísifo, rei de Corinto, pai de Ulisses, um dos (se não o) mais astutos de todos os homens. Foi condenado pelos deuses a, eternamente, rolar uma enorme pedra até o alto de uma montanha. Chegando lá, a enorme pedra resvala-lhe das mãos, e o pobre e desgraçado Sísifo desce, pega a pedra e carrega-a novamente até o cimo da montanha, num eterno suplício. Assim é o ser humano contemporâneo, acorda, põe o celular na função *soneca*, dorme novamente, levanta-se atrasado, faz correria para sair de casa, trabalha, estuda, volta para casa, dorme, acorda, começa tudo de novo, diuturnamente condenado a levar a pedra até o cimo da montanha. No suplício de Sísifo, está colocada de maneira mítica, simbólica, parabólica, metafórica, alegórica, figurada, conotativa, a nossa situação: que sentido tem o nosso cotidiano, qual o sentido de carregarmos diariamente a nossa pedra, qual o sentido de nossa vida?<sup>76</sup>

A condenação de Sísifo assemelha-se à vida de muitas pessoas no mundo que encaram o trabalho somente como uma pena a ser cumprida. A ânsia de ganhar sempre mais dinheiro é um desequilíbrio, não há lugar para a contemplação da jornada, do que já foi realizado. E nesse sentido, o ócio como elemento para a sanidade não pode ser bem-vindo. Nesse ponto da conversa, alguém poderia pensar que dinheiro é algo ruim, sem função, sem serventia. Atentem para o que o texto intenciona dizer, que se tornar escravo do dinheiro é algo nocivo. O dinheiro não tem culpa, é um objeto, uma coisa criada pelo ser humano para medir o pretense valor de outra coisa acordada entre as partes. Quem o transforma em vilão é a própria pessoa no exercício da sua relação com a coisa, no buraco sem fim do desejo de querer mais e mais, na incapacidade de enxergar que tudo o que existe e é do nosso conhecimento tem valor, este que está para além do monetário, do poder de compra. Vamos pensar da seguinte forma: a cocaína é um problema? Não parece que seja, ela está no canto dela, quieta. O problema se estabelece quando alguém começa a se relacionar com ela, e, geralmente, essas relações de uso e abuso não funcionam. Aristóteles já informava, em sua *Ética a Nicômaco*, a importância do equilíbrio, de buscarmos a lapidação das virtudes para estarmos fortalecidos frente aos vícios do mundo e, assim, encontrarmos a justa medida. A liberdade no agir só faz sentido quando dialoga intimamente com a responsabilidade. E sem essa relação é pouco provável que tenhamos a ética e o equilíbrio necessários para encontrar o sentido.

---

<sup>76</sup> JESUS, 2018, p. 15, grifo do autor.

Para que possa existir uma ação criativa e não meramente adaptativa é necessário instituir um sentido para a ação. O sentido é, em si mesmo, uma ação criadora; esta é possível quando existe uma distância entre o ser vivo e a sua natureza biológica que, neste caso, não determina mais o que fazer e só condiciona o como fazer. Ao criar o sentido a ação transcende a mera adaptação natural e transformando-se numa dimensão da existência que é a valoração da própria ação. A capacidade de valorar possibilita dirigir a ação para opções diferenciadas definidas previamente pelo sujeito de ação e não impostas pelo código da espécie. O valor está intrinsecamente ligado à constituição de sentido, e o sentido é algo que só o ser humano pode realizar. O *ethos*, quando está perpassado pela dimensão valorativa do sujeito, deixa de ser um mero *ethos* da espécie e se transforma numa ética do sujeito.<sup>77</sup>

O grupo de valores criativos, em síntese, constitui-se por todas as realizações do indivíduo elaboradas para doar e compartilhar com o mundo ações fundadas na unicidade de cada um, pois é esse ineditismo que caracteriza cada ser humano, e, por sua vez, essa condição única é o que valoriza a criação. Mais do que realizar o trabalho, é o jeito de realizá-lo que diferencia o processo criativo, e essa característica única é uma possibilidade de ir ao encontro do sentido.

## 5.2 VALORES VIVENCIAIS

O segundo grupo de valores que Viktor Frankl elenca como caminhos possíveis na jornada rumo à realização de sentido é o dos valores vivenciais ou experienciais. Se, no grupo de valores criativos, o que criamos e doamos está em uma posição de protagonismo, agora a referência é outra. Na equipe dos valores vivenciais, o protagonismo fica por conta do que recebemos do mundo, e não há nada mais precioso e transformador que possamos ganhar de presente do que o amor. Se o trabalho é a principal via no grupo dos valores criativos, aqui nos valores vivenciais, esse canal se chama amor.

No entanto, agora se evidencia que há ainda um segundo caminho em que o ser humano faz valer essa singularidade como ser singular e único, em que, portanto, realiza o valor de sua personalidade e o sentido pessoal e concreto da vida: É o caminho do amor – melhor dito: do ser amado. É uma vereda passiva; sem qualquer contribuição, sem qualquer ação – “sem acréscimo próprio”. No ato de ser amado, cai, por assim dizer, no colo do ser humano aquilo que, do contrário e em geral, ele tem que conquistar através de suas ações. Nesse caminho de ser amado, ele alcança o que, em suas realizações, tem que conquistar como mérito, sem qualquer mérito: É que não se pode merecer amor. Amor não é nenhum mérito, mas graça. Na vereda do amor, ao ser humano é dado, por consequência, “pela graça” o que, do contrário,

---

<sup>77</sup> RUIZ, 2006, p. 28-29, grifos do autor.

ele tem que obter, que tem que conseguir através de uma ação: a realização de sua singularidade e unicidade. É, pois, a essência do amor deixar-nos ver a pessoa amada justamente em sua singularidade e unicidade.<sup>78</sup>

Há no grupo de valores vivenciais uma dimensão de gratuidade, pois o belo que ganhamos do mundo nos é dado. Basta estarmos sintonizados nessa frequência de percepção. O amor está no lugar mais alto desse *podium*, todavia outros elementos fazem parte dessa jornada de vivências gratuitas que podem trazer sentido para a vida. Uma contemplação de algo ainda desconhecido pode causar-nos esse espanto, esse sentimento indizível que traz um arrebatamento, aquela coisa que só pode ser sentida e não dita, pois toda palavra existente parece ser pouco para tanto. Pode ocorrer em um encontro com um lugar interessante, manifestações artísticas, ou tantas outras possibilidades gratuitas que dialogam com a sensibilidade humana. Há uma quase poesia quando Frankl afirma: “é que não se pode merecer amor. Amor não é nenhum mérito, mas graça”. Um texto que diz algo que nos toca traz sentido porque nos eleva, nos melhora, vai nos completando, aumentando nossa compreensão e conexão com o mundo.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano escreve, em seu *Livro dos abraços*:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – *Me ajuda a olhar!*<sup>79</sup>

Esse relato – mesmo que seja ficcional – ilustra o encantamento, o arrebatamento diante do desconhecido que acessa nossa sensibilidade. Então, quer dizer que, se o indivíduo ficar contemplando a natureza, visitando museus, indo a shows de música e peças de teatro, vai encontrar o sentido? Cada ser é único, o que, por consequência, torna essa busca pessoal e intransferível. Portanto, isso quer dizer que talvez a pessoa possa, sim, encontrar sentido na contemplação. Esse encontro vivencial com o sentido dá-se quando há uma consciência da magnitude da vida, dessa conexão com o todo, com a clareza de que somos parte da rede trançada pela existência das coisas. E isso, em um primeiro momento, não é racionalizado, mas percebido, sentido. Quando ocorre esse transbordamento, como o que ocorreu com o

---

<sup>78</sup> FRANKL, 2022, p. 89-90.

<sup>79</sup> GALEANO, 2016, p. 15, grifos do autor.

menino Diego Kovadloff, a pessoa pode sentir e, conseqüentemente, saber, que a vida tem sentido.

A sensibilidade humana pode se emocionar com o imenso presente do contato com a natureza em suas numerosíssimas manifestações, como a claridade de um amanhecer e o ardor do meio-dia junto à paz do ocaso; o cinza invernal e a festiva coloração da primavera, as marcadas tonalidades do verão, uma dourada chuva de folhas de outono... O ser humano sempre se sentiu comovido diante do dom da natureza e expressou em mil formas o seu assombro e agradecimento pela paz de uma montanha rodeada de ar puro, pela imensidade do oceano e pela austeridade dos desertos. Outra prova das vivências gratuitas encarnadas nos valores da experiência é o mundo da arte em suas múltiplas representações, todas elas repletas de admiração: assim, o ser humano se deixa envolver no silêncio e gozo da contemplação das mostras da inspiração humana, seja diante da Pietá de Michelangelo, a Guernica de Picasso ou um vitral de Notre Dame.<sup>80</sup>

O evento mais significativo, a vivência culminante, o ápice na jornada das coisas todas que experienciamos é o amor que se desvela em suas mais variadas formas e representações. Na avenida dos valores vivenciais, é ele que está na base, no alicerce dessas experiências de afetos. Somos afetados pelo mundo de múltiplas formas, porém, no lugar onde o amor está minimamente instalado, a chance de êxito é real. São muitíssimas as possibilidades de encantamento ofertadas pelo mundo às pessoas, e a arte é uma delas. Uma escultura, um quadro, uma poesia, toda a arte tem valor. Aliás, é importante esclarecer que uma obra só nasce<sup>81</sup> no instante em que o outro a contempla e uma relação de afeto se instaura. Quando, por exemplo, uma música nos toca e nos conecta com o cosmos, o amor está presente. Ele se revela na intenção do artista que a compôs, no arranjador que pensou no movimento de cada instrumento, nos sons e silêncios daquela obra, na interpretação dos músicos, no talento de quem estava cuidando da mixagem de toda aquela sonoridade. São muitas mãos e mentes trabalhando em algo que deseja encantar, impactar, afetar e emocionar. Esse trabalho criativo e colaborativo necessita de amor, impresso no exercício de criação de quem executa e doa a obra para o mundo – valores criativos –, e na capacidade de quem a recebe e fica tocado pela experiência – valores vivenciais.

---

<sup>80</sup> HERRERA, 2021, p. 227.

<sup>81</sup> Para uma melhor compreensão desse conceito de nascimento de uma obra, é importante esclarecer que a obra não nasce quando o artista/criador a executa. Esse momento do autor e sua criação pode ser comparado com uma mulher que está gestando o seu filho. Ele está ali na barriga, interagindo com a mãe (autor), mas ainda não experimentou o mundo, ainda não nasceu. O filho (obra) só nasce quando estabelece uma relação com o mundo, e a afirmação dessa existência é parida na conexão com o outro.

Frankl, afirma que o amor é a meta última e mais alta da vida humana. Nós o recebemos de muitas maneiras, já que ele se apresenta em instâncias diversas, a exemplo do amor familiar – paternal, maternal, fraternal –, da amizade, do romântico, e até – por que não – daquele ofertado por um animal de estimação. Todavia, para muitas pessoas do planeta, o maior amor que podemos receber é o amor de Deus. Ele é o amor supremo e a chave que nos conecta a essa rede universal viva, cheia de vida. Quantos humanos impactados pela grandiosidade e beleza natural do planeta acreditam estar diante de Deus? Para Frankl, nós somos constituídos de três dimensões: corporal, mental e espiritual. Essas dimensões vivem juntas, e, enquanto estamos vivos por aqui nessa condição de espaço e tempo, elas não podem ser dissociadas. São partes do nosso todo, partições que, unidas, nos tornam inteiros.

Pelo fato de o ser humano estar centrado como indivíduo em uma pessoa determinada (como centro espiritual existencial), e somente por isso, o ser humano é também um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano. Ela forma essa totalidade como sendo biopsicoespiritual. Não será demais enfatizar que somente essa totalidade tripla torna o ser humano completo. Portanto não se justifica, como frequentemente ocorre, falar do ser humano como uma “totalidade corporente”; corpo e mente podem constituir uma unidade, por exemplo, a “unidade” psicofísica, porém essa unidade jamais seria capaz de representar a totalidade humana. A essa totalidade, ao ser humano total, pertence o espiritual, e lhe pertence como a sua característica mais específica. Enquanto somente se falar de corpo e mente, é evidente que não se pode estar falando da totalidade.<sup>82</sup>

Quando citamos anteriormente a questão sobre um possível apriorismo do sentido, é porque, para Viktor Emil Frankl, somos seres conscientes, livres e responsáveis, e a capacidade humana da autotranscendência – que está intimamente ligada à nossa partição espiritual – é a responsável por essa conexão, e isso independe de religiosidade. Ele afirma que, mesmo a pessoa que não segue religião ou doutrina alguma de cunho religioso, místico e afins, possui esse canal aberto com Deus, pois se pode perceber que o ser humano traz consigo uma fé inconsciente, por vezes escondida até, em direção a Deus. Essa fé inconsciente geralmente aflora e se revela diante de grandes adversidades e do confronto com a finitude da própria vida. É na hora do desespero que a presença até então ignorada de Deus apresenta-se. Em contraponto a essa não percepção da presença de Deus, para muitas religiões ocidentais e, principalmente, para os cristãos, Ele é sinônimo de amor, o que nos leva a pensar

---

<sup>82</sup> FRANKL, 2021, p. 23.

que essa população de seguidores e simpatizantes crê na possibilidade de encontrar sentido em Deus, o que de fato ocorre com um grande número de pessoas.

Nossa relação com o mundo, mediada pelo amor, acontece desde a mais tenra idade. Somos frágeis ao nascer e, sem que outra pessoa nos proteja, alimente, limpe e agasalhe, estamos impossibilitados de crescer, mais do que isso, de viver. Todo ser humano que se desenvolveu até a idade adulta passou por esse cuidado, e essa relação com o cuidador, por mais dura que tenha sido, em alguma instância, foi mediada pelo amor. Obviamente, não estamos abordando aqui as ações criminosas de pessoas com alguma parafilia – ações de pedofilia, por exemplo –, pois isso não é minimamente razoável quando tratamos de valores vivenciais como o amor.

E o amor conhecido como “romântico” pode estar adequado na busca pelo sentido ao transitar nessa avenida de valores vivenciais? O sexo, que tantas vezes é relacionado ao pecado e à perversão, não desvaloriza ou, de certo modo, esvazia a potência do amor?

O amor como concretização dos valores é um valor de experiência ou de vivência, porque possibilita que me aproxime de um tu em tudo o que tem de peculiar e de singular ou no que tem de único, irrepitível, livre, responsável e finito. O amor, como relação pessoal do meu eu com um tu, tem a possibilidade de experimentar o desenvolvimento de valores de criação por-amor-ao-tu. Mas, ao mesmo tempo, a mesma relação amorosa me oferece o vastíssimo mundo dos valores de experiência. Estes valores, experimento-os quando abro todo o meu espaço interior para captar o único e irrepitível e o livre do ser a quem amo. Pode-se dizer que este segundo modo na relação amorosa é um presente, um dom, uma graça que recebo porque o tu, a quem amo, é um ser-assim e não de outro-modo. Esse ser pode ser amado em mim, no tu, nas obras, em Deus e com Deus. Finalmente, o encanto do amor que sinto pelo tu conta com uma força e energia capazes de mobilizar em mim a afinação da minha sensibilidade para captar mais profundamente a riqueza do cosmos e dos valores. O amor humano realiza o prodígio de transmitir a vida a um novo ser que, por sua vez, é uma existência como somos o tu e eu.<sup>83</sup>

A relação de amor com um tu detém uma singularidade que se estabelece em dois momentos: o primeiro deles pelo próprio ineditismo e pela unicidade da outra pessoa; e o segundo, no nós formado pelo tu-e-eu, que também é irrepitível. É essa gratuidade do amor de um tu que nos melhora, que nos ensina, pois a confiança que se fortalece dia após dia autoriza o nosso desvelamento, permite que baixemos nossos escudos antemedo e que, assim, desprotegidos e confiantes, nos tornemos o melhor que podemos ser naquele momento. É na

---

<sup>83</sup> HERRERA, 2021, p. 228-229.

relação mediada pelo amor que podemos medir-nos e completar-nos, e isso serve para todas as relações amorosas, mesmo as não românticas. Quando a ligação é de casal, ou seja, romântica, há um elemento importante nessa construção amorosa: o sexo. Ele que, em muitas culturas, é tratado como pecado, como algo menor, inferior, sujo, pode e deve ser algo precioso, uma experiência arrebatadora de conexão quando há amor entre o tu-e-eu. Nossa porção corpórea – se ainda saudável e potente –, equilibrada com as nossas outras duas porções – mente e espírito –, deseja o tu na sua totalidade, e os corpos também são pontes para essa conexão. O prazer sexual, quando surge em uma união amorosa, ensina, pois é naquele momento de entrega total que se pode apreender muito do tu, além de ofertar ao outro muito do eu.

Ao tentarmos compreender toda a potência do amor e sua amplitude, detectamos nossa pouca condição de fazê-lo, mas é possível perceber a sua grandiosidade quando sabemos que ele é maior do que a morte. Frankl relata como teve essa percepção em um dos seus tantos dias de flagelo em um campo de concentração nazista:

Nem mesmo os cérebros ainda degelaram, os companheiros continuam calados. Meu espírito ainda se apegava à imagem da pessoa amada. Continuo falando com ela, e ela continua falando comigo. De repente me dou conta: nem sei se minha esposa ainda vive! Naquele momento fico sabendo que o amor pouco tem a ver com a existência física de uma pessoa. Ele está ligado a tal ponto à essência espiritual da pessoa amada, a seu “ser assim” (nas palavras dos filósofos), que a sua “presença” e seu “estar-aqui-comigo” podem ser reais sem sua existência física em si e independentemente de seu ser estar com vida. Eu não sabia, nem poderia ou precisaria saber, se a pessoa amada estava viva. Durante todo o período no campo de concentração não se podia escrever nem receber cartas. Mas isso, naquele momento, de certa forma não tinha importância. As circunstâncias externas não conseguiam mais interferir no meu amor, na minha lembrança e na contemplação amorosa da imagem espiritual da pessoa amada. Se naquela ocasião tivesse sabido: minha esposa está morta – acho que esse conhecimento não teria perturbado meu enlevo interior naquela contemplação amorosa. O diálogo espiritual teria sido igualmente intenso e gratificante.<sup>84</sup>

O amor é tão forte que enfrenta e, de certa forma, vence a morte, pois permanece vivo naqueles que tiveram a dádiva de recebê-lo. Ele vive na memória afetiva do filho que ama o pai e a mãe que já partiram, no amigo que rememora os bons e fraternos momentos vividos com aquele ser querido que não está mais aqui neste mundo físico, nas conexões e nos aprendizados que ficam impressas na vida de quem fica por aqui.

---

<sup>84</sup> FRANKL, 2018, p. 56.

O que deve ficar claramente assinalado é que o amor genuíno mantém (em sua unidade de fundo) uma independência em relação à corporalidade. A corporalidade é parte da unidade-na-totalidade do ser humano e é um meio de expressão do amor. É magnífico assinalar que o ser humano também deseje, busque e queira a expressão corporal. Contudo, as situações de separação, morte etc., são as que nos permitem aprender que o amor vive com independência da corporalidade e, além disso, *nem por isso arrefecerá ou morrerá.*<sup>85</sup>

O amor vive, se movimenta, nos conecta e nos torna humanos, pois se relaciona com tudo o que somos, incluindo aí nossas potências e deficiências. Não se vende nem se compra amor. E por conta da gratuidade com que ele é partilhado, podemos encontrar nele, e por conta dele, o sentido que nos guia na jornada.

Amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-la. Por seu amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Além disso, através do seu amor a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar essas potencialidades. Conscientizando-a do que ela pode ser e do que deveria ser, aquele que ama faz com que essas potencialidades venham a se realizar.<sup>86</sup>

### 5.3 VALORES ATITUDINAIS

A terceira via para que possamos encontrar o sentido talvez seja a mais impactante, pois por ela também podem transitar elementos criativos e vivenciais. O grupo dos valores atitudinais detém muitas histórias de êxito na busca pelo sentido, mesmo nas histórias trágicas e adversas, por mais contraditório que isso possa parecer. Não procuramos dor ou problemas, muito antes pelo contrário. Todavia, quando eles surgem na nossa frente, é mais uma vez a vida nos indagando e exigindo o enfrentamento dessas situações indesejadas e muitas vezes doloridas. À essa altura do texto, já deu para perceber que, em todos os caminhos que levam ao sentido, a busca é pessoal e intransferível, não é mesmo? A tomada de uma atitude diante dos fatos apresentados pela vida: essa é a última das avenidas que levam ao sentido. O ser humano é livre e responsável e, munido dessa liberdade intrinsecamente ligada à responsabilidade, pode, em todas as circunstâncias, desenvolver valores atitudinais.

---

<sup>85</sup> HERRERA, 2021. p. 233, grifos do autor.

<sup>86</sup> FRANKL, 2018, p. 136.

Não há nenhuma situação de vida que seja realmente sem sentido. Isso ocorre porque os aspectos aparentemente negativos da existência humana, especialmente aquela tríade trágica na qual convergem o sofrimento, a culpa e a morte também podem plasmam-se em algo positivo, numa realização. Mas, é claro, mediante uma atitude e firmeza adequadas.<sup>87</sup>

Há um ditado popular que afirma algo do tipo: quem não aprende pelo amor aprende pela dor. É possível observar na frase que duas das estradas que levam ao sentido estão postas: a dos valores vivenciais – amor – e a dos valores atitudinais – dor. Vale registrar que ditados populares trazem consigo uma sabedoria construída na experiência coletiva, na repetição de um acontecimento, o que de, certa maneira, institui a crença de que aquilo que está sendo dito é verdade. Pois bem, culturalmente, somos moldados para não sucumbirmos diante do sofrimento imposto, contingencial, conhecemos desde muito cedo narrativas históricas, míticas e religiosas – veiculadas desde a oralidade até as plataformas atuais – de aprendizado e redenção frente aos difíceis e quase intransponíveis percalços que a existência exige. Há uma nobreza heroica naqueles personagens que aprendem na superação de obstáculos. E quando essa jornada do herói<sup>88</sup> acontece na vida real, seu protagonista encontra simpatizantes, seguidores e uma conexão verdadeira com as pessoas, pois sua prática confirma o seu discurso, credibilizando-o.

Viktor Emil Frankl realizou a jornada do herói, encontrou sentido transitando pelos caminhos criativos, vivenciais e atitudinais, todavia, é pelo fato de ter experimentado na carne o sofrimento impingido na vivência cruel e desumana nos campos de concentração da Segunda Guerra que os seus conceitos teóricos funcionam, porque estão alicerçados e sustentados na vida prática. Essa vivência, esse *experimentum crucis*, ensinou Frankl na percepção e desenvolvimento de valores atitudinais, além de ensinar milhares de pessoas pelo mundo com o exemplo, que é uma das faces dos valores de doação, dos valores vivenciais.

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano do que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos pensar

---

<sup>87</sup> FRANKL, 2015, p. 28.

<sup>88</sup> Joseph Campbell foi um escritor estadunidense que se dedicou a estudar o significado dos heróis míticos e encontrou nesses personagens uma fórmula de narrativa única. Ele descobriu entre elas um padrão comum: a “jornada do herói”. Em seu livro *O Herói de Mil Faces*, lançado em 1949, ele desenvolve esse conceito que é amplamente usado no cinema, na literatura e no mercado publicitário.

numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar –, somos desafiados a mudar a nós próprios.<sup>89</sup>

Surge mais um questionamento: se a dor<sup>90</sup> é uma ótima professora e sabe ensinar muitíssimo bem aos seus alunos, seria a via do sofrimento, do desgosto ou da frustração, o caminho mais fácil para irmos ao encontro do sentido? Parece ser mais apropriado que tenhamos um olhar mais abrangente para essa resposta. De uma maneira metafórica, podemos pensar que a via do sofrimento tende a ter maiores índices de aprovação na “escola da vida”, mas, como a busca pelo sentido é individual, irrepetível e intransferível, em cada situação, existe uma configuração possível, e não parece que uma professora tão exigente como a dor torne suas aulas fáceis. A eficiência quase nunca dialoga com a facilidade, porém não é preciso sofrer para que se encontre o sentido – quem sente prazer na dor certamente sofre de alguma patologia –, porque somente aquele sofrimento imposto pelo destino tem essa chave que pode abrir a possibilidade de descoberta de um sentido para aquele momento atípico.

Não se trata de glamourizar a dor ou pensá-la somente como algo degradante. A vida não se resume a essa dicotomia, a essa dualidade. Há muito mais a ser descoberto entre os polos de uma existência humana do que pressupõe a lógica binária. Contudo, ao se conhecer os extremos, se torna possível a busca pelo equilíbrio, e transitar pelos caminhos do meio, entre o riso e o choro, entre a luz e a escuridão, pode transformar-se em uma aventura repleta de sentido. É sabido que, em situações extremas, ficamos desequilibrados e frágeis, que não é fácil a busca e o posterior encontro do equilíbrio, mas é importante que o façamos – nem que seja a tentativa –, pois ele é o ponto determinante para que o sofrimento não descambe para um “coitadismo”<sup>91</sup>.

É preciso deixar perfeitamente claro, no entanto, que o sofrimento não é de modo algum *necessário* para encontrar sentido. Insisto apenas que o sentido é possível mesmo a despeito do sofrimento – desde que, naturalmente, o sofrimento seja inevitável. Se ele *fosse* evitável, no entanto, a coisa significativa a fazer seria eliminar sua causa, fosse ela psicológica, biológica ou política. Sofrer desnecessariamente é ser masoquista, e não heróico.<sup>92</sup>

---

<sup>89</sup> FRANKL, 2018, p. 136-137.

<sup>90</sup> Pensemos nela como sinônimo de sofrimento humano – biopsicoespiritual –, sem reduzi-la a uma mera sensação física.

<sup>91</sup> Coitadismo: vitimismo, sentimento de autopiedade, aquilo que faz o indivíduo se colocar sempre no papel de vítima.

<sup>92</sup> FRANKL, 2018, p. 138, grifos do autor.

O sofrimento é parte da condição humana, porque, se somos dotados de consciência, somos suscetíveis à dor. Não importa se a pessoa é rica, pobre, se tem títulos acadêmicos ou não, se é tímida ou extrovertida; independentemente da classe social, todos os seres humanos serão visitados e confrontados pelo sofrimento. Somos tolerantes aos mais variados sofrimentos de cunho físico, psíquico ou espiritual, mas há um tipo de sofrimento para o qual não temos tolerância, aquele oriundo de uma vida sem sentido. Está claro que não buscamos o sofrimento, e isso já foi dito aqui, mas também é preciso esclarecer que ele se apresentará, surgirá em algum momento da jornada, em alguma instância. Então, como lidar com ele? Respondendo com atitude. É a postura, a ação diante do que nos faz sofrer que importa, e, por essa via atitudinal, honramos e encontramos sentido naquela vivência indesejada, o que nos leva e impulsiona a aprender com a situação, possibilitando transformá-la em algo positivo.

O sofrimento, qualquer que seja, mas especialmente aquele que se apresenta como irreparável, irreversível, como “*factum*”, é o campo próprio e específico para realizar ou encarnar os valores de atitude. Eu creio que não é possível imaginar a minha existência como limitada aos valores de criação. As dimensões da minha vida não se esgotam no criar, no fazer, no que eu ofereço e dou ao mundo. Tampouco se esgota a minha existência nos valores da experiência, quando dou ou tomo ou recebo algo da gratuidade do mundo em formas de vivências estéticas, contatos com a natureza ou nos encontros humanos, até chegar à experiência culminante do amor interpessoal, intrapessoal e suprapessoal. Há uma terceira dimensão que está sempre à porta e que potencialmente pode ser a força destruidora ou construtora da minha vida: O sofrimento. [...] Para Frankl, a existência se empobrece quando se identifica sentido com êxito, prazer, poder etc., e ele assinala que “a falta de êxito não significa falta de sentido”, porque a experiência humana mostra que os fracassos bem assumidos são fonte de crescimento humano e constituem verdadeiros triunfos interiores, fruto de uma liberdade-que-se-decide.<sup>93</sup>

As perguntas não costumam cessar quando o assunto é tão abrangente, com tantas possibilidades de abertura para as novas possibilidades do autoconhecimento, inclusive as respostas tendem a não se esvaziarem. Então, por que parece que a dor é uma professora mais efetiva para o ser humano? Uma possibilidade a ser pensada é a de que os nossos instintos ligados à preservação da própria vida entendem a dor como um sintoma, um sinal de alerta que avisa quando estamos em risco, no propósito de manter a vida sadia. Se dói, é porque há perigo na esquina; e, no intuito de preservar a vida, todo o cuidado é pouco. Talvez por isso a dor ensine de forma mais efetiva e contundente, pois não há muito tempo para ficar pensando

---

<sup>93</sup> HERRERA, 2021, p. 243, grifo do autor.

quando se está doendo, é preciso que se faça alguma coisa para parar de doer, é necessário que se tome uma atitude!

Foi o que ocorreu com o judeu Viktor Frankl, ao ser recolhido pelo exército nazista na Segunda Guerra. Diante de circunstâncias estapafúrdias, de uma realidade que foi se construindo baseada em crenças distorcidas, de uma anomalia nas relações humanas minimamente civilizadas, ele precisou tomar uma atitude. A pergunta: sucumbir à dor e ao sofrimento, ou resistir e encontrar sentido naquela situação? Naquele cenário apocalíptico, seria possível que alguém pudesse encontrar algum sentido? Ir para o fio não era uma opção para Frankl; havia algo além daquela sua dolorida existência. Seu corpo padecia, mas sua mente e seu espírito estavam conectados a algo que transcendia aquela realidade. O nome dessa força? Esperança<sup>94</sup>.

A atitude é valorosa, os enfrentamentos são possibilidades de redenção, de irmos ao encontro do sentido. Frankl vivenciou e observou pessoas em situações-limite e começou a usar a expressão *experimentum crucis* para conceituar aqueles momentos da vida em que nada parece fazer sentido, o sofrimento grita e o indivíduo pede socorro. Qual foi a sua atitude primeira ao saber que estaria em uma condição desgraçada? Fazer todo o possível para manter-se vivo. E, naquele momento, esse desejo fez e trouxe sentido. O encontro futuro com as suas potenciais realizações, essa capacidade de autotranscendência inerente ao ser humano – que o coloca em um lugar diferente da sua realidade momentânea e, por isso, possibilita o sonho e a utopia – infla a esperança e movimenta-o.

Há ainda um outro argumento, mais decisivo, um verdadeiro *experimentum crucis*, um teste – no sentido mais amplo possível da palavra – que não resulta de uma situação experimental artificialmente criada, mas de uma situação-limite do ser humano. Refiro-me aos campos de concentração e de prisioneiros de guerra. Afinal de contas, foi esta a lição que pude aprender pessoalmente – ou, melhor, tive de aprender – em Auschwitz e em Dachau: isto é, que aqueles reclusos que se orientavam na direção de um futuro que de alguma forma esperava por eles, que tinham uma tarefa futura a realizar, eram os que apresentavam maiores probabilidades de sobrevivência.<sup>95</sup>

Frankl costumava falar aos seus companheiros na prisão que a vida tem sentido, apesar das suas circunstâncias por vezes indesejadas e insalubres. Sua intenção era a de estimulá-los a sair animicamente daquela condição derrotista. Ele costumava dizer que alguém que gostava

<sup>94</sup> Para conhecer a #PalavraMusicada “Esperança”, acesse:

[https://www.instagram.com/p/B6rLxQunnHz/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D](https://www.instagram.com/p/B6rLxQunnHz/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D)

<sup>95</sup> FRANKL, 2016, p. 20-21, grifos do autor.

deles – a mulher, os filhos, os pais ou um amigo – não importa se vivos ou mortos, esperavam sempre o melhor, uma atitude positiva, ética, e que não era justo decepcioná-los. Afirmava que a luta pela dignidade e sobrevivência, mesmo que perdida, não perderia o seu sentido. O teólogo e educador brasileiro Julio Renato Lancellotti – mais conhecido como padre Julio Lancellotti –, que desenvolve um trabalho difícil visando ao acolhimento de pessoas socialmente indesejadas e desnecessárias, também tem um discurso de mobilização parecido com esse. Padre Julio diz: “eu não luto para vencer, eu sei que vou perder, eu luto para ser fiel até o fim”<sup>96</sup>. Os valores atitudinais não se forjam no discurso, eles são construídos na ação prática de resposta aos questionamentos da vida. Por isso, o sofrimento pode levar ao sentido, porque há nobreza nessa atitude de se manter fiel à sua busca, à sua causa.

Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta esse sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular. Para nós, no campo de concentração, nada disso era especulação inútil sobre a vida. Essas reflexões eram a única coisa que ainda podia nos ajudar, pois esses pensamentos não nos deixavam desesperar quando não enxergávamos chance alguma de escapar com vida. O que nos importava já não era mais a pergunta pelo sentido da vida como ela é tantas vezes colocada, ingenuamente, referindo-se a nada mais do que a realização de um alvo qualquer através de nossa produção criativa. O que nos importava era o objetivo da vida naquela totalidade que inclui também a morte e assim não somente atribui sentido à “vida”, mas também ao sofrimento e à morte. Esse era o sentido pelo qual estávamos lutando!<sup>97</sup>

O modo como enxergamos o mundo propicia-nos a boa ou a má sorte nos nossos enfrentamentos diários. Que fique claro, boa sorte aqui neste contexto quer dizer: consciência de fazer o que deve ser feito, com ética, liberdade e responsabilidade. É rumar para o dever ser, ainda que ele esteja em um horizonte muito distante. Para ilustrar e facilitar essa compreensão, Frankl nos conta uma pequena história, transcrita a seguir:

Eu mesmo já cheguei a relatar, numa das minhas obras, um diálogo socrático improvisado que mantive com um velho médico que me veio procurar:  
 – Há dois anos que minha esposa faleceu; amava-a sobre todas as coisas, e ainda não consegui superar essa perda. Bem sei que o senhor também não pode ajudar, e muito menos ressuscitar a minha mulher. Pois receitar-me algum calmante, isso até eu posso fazer.

---

<sup>96</sup> Assista em: <https://www.instagram.com/p/Cw8k5OPPhDZ/>

<sup>97</sup> FRANKL, 2018, p. 102-103.

– Caro colega – respondi-lhe simplesmente –, diga-me apenas o seguinte: que teria acontecido se, em vez dela, tivesse sido o senhor a falecer primeiro?

– Isso teria sido horrível para ela. Teria sofrido muito.

– Como o senhor vê – acrescentei –, essa dor foi poupada à sua esposa, e foi o senhor que a protegeu do sofrimento, mas a este preço: agora tem de chorá-la e sofrer com a sua ausência.

Isso foi para ele um giro copernicano. Naquele momento, o seu sofrimento passou a ter um sentido: o sentido de um sacrifício.<sup>98</sup>

Muita gente, ao se deparar com os testemunhos dos sacrifícios vividos pelos santos e profetas da tradição judaico-cristã, não percebe que há um sentido às vezes implícito em cada escolha, e que, mesmo nos textos sagrados, ela é individual, personalíssima e intransferível. Giovanni di Pietro di Bernardone, para os católicos São Francisco de Assis (1182-1226), era filho de um abastado comerciante de tecidos e levava uma vida confortável para os padrões sociais de sua época. Na juventude, não encontrava sentido em sua vida cotidiana, porém sua jornada encontra outro rumo quando ele começa a prestar atenção e acolher o outro, a se doar. Por conta dessa atitude, seu pai o deserudou, e ele se desnudou, literal e metaforicamente. Despido das suas vestes materiais, vestiu-se de sentido, e suas ações para com o mundo transformaram-no em um santo da Igreja Católica. Não é fácil ser deserduado, renunciar a riquezas materiais, pedir esmolas, ser ridicularizado, mas, se é uma causa que te movimenta rumo ao sentido que impõe esse sofrimento, talvez tu o encontres nessa esfera dos valores atitudinais, assim como São Francisco de Assis, que viveu, sentiu e honrou as suas dores.

Uma vez que se nos revelara o sentido do sofrimento, também nos negávamos então a ficar desfazendo ou minimizando o volume de sofrimento que havia no campo de concentração, seja “reprimindo-o” ou iludindo-nos a respeito do mesmo com otimismo barato ou artificial. Para nós também o sofrimento passara a ser uma incumbência cujo sentido não mais queríamos excluir. [...] Havia muito sofrimento esperando ser resgatado por nós. Por isso era também necessário olhar de frente a situação, a avalanche de sofrimento, apesar do perigo de alguém “amolecer” e, quem sabe, em segredo deixar as lágrimas correrem livremente. Não precisaria envergonhar-se dessas lágrimas. Eram o penhor de ele ter a maior das coragens – a coragem de sofrer. Mas pouquíssimos sabiam disso, e só envergonhados admitiam ter-se extravasado em lágrimas. Certa vez, perguntei a um companheiro como fizera desaparecer seus edemas de fome, ao que ele confessou: “Curei-os chorando...”<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> FRANKL, 2016, p. 50-51.

<sup>99</sup> FRANKL, 2018, p. 103-104.

Frankl constrói a ideia dessas avenidas que rumam para o encontro do sentido calcado na sua experiência, e isso o credibiliza, pois ele sempre afirma que cada jornada é única e se modifica no enfrentamento das circunstâncias ofertadas pela vida. Se essas avenidas metafóricas se dividem em grupos de valores criativos, vivenciais e atitudinais, também o *Homo sapiens* pode ser pensado em categorias para melhor ilustrar essa busca pelo sentido, a saber: *Homo faber*, *Homo amans* e o *Homo patiens*. Para encontrar sentido, o ser humano pode articular-se nesses eixos, ora sendo *faber e amans*, ora sendo *patiens*, pois eles transitam em dimensões distintas, eixos diferentes. O ser humano que realiza, cria, doa e ama – *faber/amans* – movimenta-se entre dois polos horizontais, que trazem, em uma ponta, o êxito e, no outro extremo, o fracasso. Já o *Homo patiens* está ligado a tomar uma atitude diante do seu sofrimento; seu eixo se move entre a realização – polo positivo – e o desespero – polo negativo. Podemos pensar em um caminho vertical, em que a “desesperança” é o desespero e está embaixo, e a “plenitude” é a realização, apontando para o alto.

Tentemos agora responder à seguinte pergunta: por que o sentido que o homem pode encontrar no sofrimento é o mais elevado de quantos podemos conceber? Bem, os valores de atitude mostram-se aqui mais excelentes do que os valores de criação e de vivência, enquanto o sentido do sofrimento é superior, dimensionalmente, ao sentido do trabalho e ao sentido do amor. E por que é assim? Partamos da ideia de que o *Homo sapiens* se articula no *Homo faber*, que cumpre seu sentido existencial ao criar; no *Homo amans*, que enriquece o sentido de sua vida ao experimentar, ao encontrar o outro e ao amar, e no *Homo patiens*, o homem que sofre e rende serviço ao sofrimento. O *Homo faber* é aquele que podemos com razão chamar de um homem de êxito; conhece somente duas categorias, e só nelas pensa: o sucesso e o fracasso. Sua vida agita-se então entre esses dois extremos, na linha de uma ética do êxito, ao contrário do *Homo patiens*: as categorias deste não são o sucesso ou o fracasso, mas a realização e o desespero. Com esse par de categorias, contudo, o *Homo patiens* coloca-se verticalmente na linha da ética do êxito, uma vez que a realização e o desespero pertencem a uma outra dimensão. Dessa diferença dimensional resulta uma superioridade igualmente dimensional, porque o *Homo patiens* pode realizar-se, ainda, no mais agudo insucesso ou fracasso. A experiência então mostra que a realização e o insucesso são perfeitamente compatíveis; não diferente do êxito em relação ao desespero.<sup>100</sup>

A pessoa é uma só, mesmo que, para pensá-la e tentar compreendê-la tenhamos que dividi-la em categorias. A realização do *Homo patiens* torna-se possível diante de sua postura, da atitude tomada no contato com os fatos dolorosos, porém é na realização, no exercício da

---

<sup>100</sup> FRANKL, 2015, p. 74-75, grifos do autor.

ação criativa que esse sofrimento pode ser sanado, ou seja, dimensões diferentes que formam um todo capaz de encontrar sentido.

Nesse desconfortável lugar em que nada parece ser razoável, no qual a vida não tem a menor graça, contrariando o sofrimento, pode emergir a potência da vontade de sentido, pois, se nos momentos difíceis tudo tende à inércia, a vontade de sentido é o combustível que movimenta, que impulsiona, que transforma o indivíduo em um ser voluntarioso, consciente do seu lugar no mundo. Há sempre algo interessante a ser desvelado. Resta a cada um, ao seu tempo, encontrar essa coisa pela qual a vida valha a pena, quer seja na criação e doação de algo, na gratuidade do receber as coisas boas que o mundo nos presenteia amorosamente, quer seja na atitude tomada diante do sofrimento inevitável.

## 6 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA BUSCA DO SENTIDO

Em última análise, viver não significa outra coisa se não arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento.<sup>101</sup>

Se o ser humano conseguiu estabelecer sua posição de dominação sobre os outros animais do planeta, é porque aprendeu a imaginar. Projetar uma ideia – autotranscendência –, desejar algo que ainda não está concreto, é o que colocou o *Homo sapiens* em outro patamar evolutivo, pois de nada adianta para o processo pensar sozinho, imaginar sozinho e desejar sozinho. O êxito, a materialização do imaginado, só pôde realizar-se no coletivo, e, para isso, a linguagem foi essencial. Comunicar-se com eficácia para partilhar ideias, desejos, conceitos, e tantas outras coisas pertinentes as relações humanas, ainda é uma tarefa complexa atualmente. Com a cooperação, o *Homo sapiens* pôde enfrentar os grandes mamíferos, virou o jogo e os subjugou. Somando intelectos, potencializando forças, a posição no meio da cadeia alimentar foi mudando, e o animal frágil foi subindo de patamar, chegando ao topo.

A capacidade de criar uma realidade imaginada com palavras possibilitou que muitos estranhos cooperem de maneira eficaz. Mas também fez algo mais. Uma vez que a cooperação humana em grande escala é baseada em mitos, a maneira como as pessoas cooperam pode ser alterada modificando-se os mitos – contando-se histórias diferentes. Nas circunstâncias adequadas, os mitos podem mudar muito depressa. Em 1789, a população francesa, quase da noite para o dia, deixou de acreditar no mito do direito divino dos reis e passou a acreditar no mito da soberania do povo. Em consequência, desde a Revolução Cognitiva o *Homo sapiens* tem sido capaz de revisar seu comportamento rapidamente de acordo com necessidades em constante transformação.<sup>102</sup>

A busca por uma boa relação de cooperação entre as pessoas não é só uma questão de precisar parecer gente boa, bonita, elegante e sincera, e, sim, uma necessidade de sobrevivência. Por isso, não é razoável que um indivíduo inserido em uma comunidade possa ter um convívio salutar sem que haja a consciência de que a liberdade só funciona se estiver acompanhada da responsabilidade.

Viktor Frankl afirma, em suas conferências nos Estados Unidos da América, ser uma boa ideia complementar a Estátua da Liberdade – um monumento situado na costa leste – com uma Estátua da Responsabilidade, monumento este que poderia ser construído na costa oeste,

<sup>101</sup> FRANKL, 2018, p. 102.

<sup>102</sup> HARARI, 2018, p. 41, grifos do autor.

do outro lado do país. Certamente, facilitaria para explicitar às pessoas que liberdade e responsabilidade precisam andar de mãos dadas, que são indissociáveis e que, mediada por elas, a vontade pode encontrar o sentido.

Será mesmo que existe a liberdade? Ao ser abordado com perguntas que induzem à crença de que o seu olhar beira a inocência em relação ao ser humano, pois parece não reconhecer os condicionamentos culturais, biológicos, econômicos ou sociais aos quais as pessoas são submetidas, Frankl sustenta reconhecer, como médico e professor, tudo isso, todas essas exposições e submissões; mas, como sobrevivente de quatro campos de concentração, conhece a força que habita no ser humano, para que resista nas piores situações e as enfrente.

Aquilo que sucede interiormente com a pessoa, aquilo em que o campo de concentração parece “transformá-la”, revela ser o resultado de uma decisão interior. Em princípio, portanto, toda pessoa, mesmo sob aquelas circunstâncias, pode decidir de alguma maneira no que ela acabará sendo, em sentido espiritual: um típico prisioneiro de campo de concentração, ou então uma pessoa, que também ali permanece sendo ser humano e conserva sua dignidade. Dostoiévsky afirmou certa vez: “Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento”. Essas palavras ficavam passando, muitas vezes, pela cabeça da gente quando se ficava conhecendo aquelas pessoas tipo mártir, cujo comportamento no campo de concentração, cujo sofrimento e morte testemunham essa liberdade interior última do ser humano, a qual não se pode perder. Sem dúvida, elas poderiam dizer que foram “dignas dos seus tormentos”. Elas provaram que, inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido.<sup>103</sup>

A vivência de Viktor Emil Frankl nos campos de concentração transformou-o. Não se busca o sofrimento quando se tem a consciência saudável, e, como visto, só é possível encontrar o sentido no sofrimento quando ele é um golpe do destino, algo indesejado, sem planejamento ou expectativa. Todavia, é quando Frankl experimenta a falta de liberdade física na Segunda Guerra Mundial, quando é tolhido de exercer seu ofício, de viver a vida desejada e planejada ao lado da esposa e da família, que ele compreende que lhe resta a dignidade da escolha.

Então, a liberdade existe para todos? Sim, o ser humano é um ser livre! Mesmo que a liberdade exterior seja cerceada, a liberdade de como se portar, de como agir e reagir em relação à vida não pode ser encarcerada por outro. Essa é a liberdade espiritual à qual Frankl

---

<sup>103</sup> FRANKL, 2018, p. 89.

se refere. Quem professa esse discurso não é o psiquiatra no consultório, mas, sim, o prisioneiro número 119104, que foi despido de suas vestes, que teve um manuscrito de uma de suas obras roubado, mas que, naquele momento, encontra sentido na dor. Valorizar a vida apesar de tudo é seu lema e, na prática, o seu êxito.

A responsabilidade seria uma espécie de irmã careta<sup>104</sup> da descolada<sup>105</sup> liberdade?

Essa ênfase sobre a responsabilidade reflete-se no imperativo categórico da logoterapia: “Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora”. Parece-me que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como essa máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é o passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito confronta-a com a finitude da vida e com o caráter irrevogável daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma.<sup>106</sup>

A responsabilidade pode muito bem atuar no papel de quem propicia uma jornada equilibrada e feliz para a liberdade, e isso passa muito longe dessa analogia da irmã careta e controladora. Não há como uma delas andar sem a outra; ambas, liberdade e responsabilidade, se complementam, necessitam andar juntas, pois são imprescindíveis na construção de uma sociedade mais justa, constituída por cidadãos decentes, interessados no bom convívio entre todos, discutindo e esvaziando preconceitos, fortalecendo a educação com toda a sua peculiar potência de transformação e, principalmente, celebrando os valores e as virtudes humanas.

Sempre me pareceu que não responsabilidade fosse uma característica brasileira e é, mas não somente. Refletindo sobre um antigo texto me dei conta de que é uma característica humana: ele ouve os passos de Deus no jardim, fica com medo e se esconde... Adão, onde estás!? E ao ser interpelado, Adão acaba tirando o corpo fora e, em última instância, colocando a culpa em Deus: a mulher que Tu me deste... Radiografia da alma humana: a responsabilidade não é minha!<sup>107</sup>

Esse movimento de tirar o corpo fora, de fugir da responsabilidade quando a coisa aperta, de tentar incriminar o outro para se safar, é uma face feia do homem, e tudo isso tem a ver com o nosso assunto, pois a pessoa é livre também para fazer escolhas erradas. Sem responsabilidade na escolha de como levar uma vida dotada de sentido, os caminhos sempre serão tortos, enganosos e perigosos. É a responsabilidade do indivíduo perante a liberdade das suas escolhas que o torna um ser virtuoso. Como já foi abordado até aqui, e para que a

---

<sup>104</sup> Gíria usada para designar alguém fora de moda, que não arrisca coisas novas e diferentes.

<sup>105</sup> Gíria usada para designar pessoa confiante, desenvolta, de comportamento sociável.

<sup>106</sup> FRANKL, 2018, p. 134.

<sup>107</sup> JESUS, 2018, p. 40.

mensagem seja esclarecida e assimilada de forma contundente e efetiva, o teólogo e filósofo Luciano Marques de Jesus<sup>108</sup> escreve:

Três são os tipos de valores, que uma vez vivenciados e realizados inundam a vida de sentido: valores criativos, aquilo que a pessoa faz pelo mundo: o trabalho, as realizações, o voluntariado...; valores vivenciais ou experienciais, aquilo que a pessoa acolhe do mundo: a arte, a música, a filosofia. A amizade, o amor...; valores atitudinais, há certas ocasiões em que a pessoa não tem força para dirigir a vontade de sentido para fora de si mesma, nem aquilo que o mundo lhe proporciona é bom ou agradável, quando ela está diante do sofrimento inevitável, obviamente não se trata de querer sofrer ou amar o sofrimento, isso é masoquismo e precisa ser tratado, a questão aqui é a atitude diante do sofrimento inevitável, não podendo mudar a situação exterior em que se encontra imersa, a pessoa tem a possibilidade de mudar a si mesma.<sup>109</sup>

Quando pensamos no grupo dos valores criativos, não é raro imaginarmos um artista com abundante liberdade no criar, pois a criatividade está intimamente ligada à arte, e, em geral, artistas são seres criativos. Mas esse conceito raso e mítico de liberdade, em que o indivíduo pode fazer tudo o que deseja a qualquer tempo, sem que a vida cobre nada, é no mínimo uma ilusão. Quando vivemos em comunidade, não há liberdade sem responsabilidade. Esse artista “livre” necessita de responsabilidade para criar a arte que o liberta. Nós interagimos com o outro, nos relacionamos com o mundo, e de certo modo é imperioso que tenhamos responsabilidade para honrarmos o grande papel de “ser-no-mundo”. Nossa existência deve ser pautada na responsabilidade diante da liberdade das nossas escolhas, e isso serve para todas as avenidas de valores que levam ao sentido, não somente para os valores de criação. Seguindo nesse caminho do criar e doar ao mundo, dos valores criativos, segue uma indagação: como dar algo de bom para alguém sem ser responsável? Façamos também um exercício imaginativo: se o trabalho reclama por responsabilidade, podemos pensar e aceitar um mundo em que todos os processos criativos dos trabalhadores não carecessem estar fundamentados em uma ética para com o outro? Seria mais um grande problema que viria a se somar aos que já enfrentamos, pois retornaríamos a uma precariedade extrema nas relações humanas, um gigantesco caminho involutivo.

Podemos nos perguntar: Do que é responsável o ser humano? A resposta podemos extrair da experiência humana em seu processo de amadurecimento. O ser humano, ao tomar consciência do seu estar-no-mundo, descobrirá que tem a tarefa de se encarregar, em primeiro lugar, da sua própria vida. Esta descoberta pode se manifestar na consciência de modo

---

<sup>108</sup> Link para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/3154832454635214>

<sup>109</sup> JESUS, 2018, p. 43.

ambivalente. Para umas pessoas, pode significar o gozo de empreender o projeto da construção da própria existência e, para outras, significará a angústia de se sentirem lançadas no mundo sob o peso de uma vida que não escolheram. A responsabilidade da própria vida implica, em potência, num processo educativo altamente positivo. Quando o ser humano toma consciência viva da responsabilidade de levar adiante a própria existência, estará preparado para compreender e acompanhar outros seres humanos no processo de descoberta e compromisso com a vida.<sup>110</sup>

A responsabilidade do indivíduo estabelece-se na liberdade, sua e do outro. Um ser livre precisa vestir a camisa da responsabilidade ao tratar com o próximo, no exercício empático e na tentativa de vivenciar a alteridade, mas também necessita ser responsável consigo e com as suas escolhas, pois elas impactam o seu mundo. Pensemos: na avenida dos valores vivenciais, aquela em que recebemos a beleza e a dádiva do amor, o bom do mundo, as coisas que nos impactam gratuitamente, podemos fazê-lo sem responsabilidade? Somos livres para receber esses benefícios que nos emocionam, trazem potência e autoestima e transformam, mas surge outra indagação: em que ponto ocorre o ingresso da responsabilidade? A responsabilidade já está posta, sempre. Um indivíduo minimamente consciente da sua relação com o mundo traz consigo – quer seja aprioristicamente ou por conta de uma construção histórico social – porções de responsabilidade. É como se a responsabilidade fosse uma semente plantada dentro de cada pessoa, pronta para germinar, crescer e frutificar. Ela está lá, e são nossas ações que determinam seu crescimento. Pode-se tentar fechar os olhos para ela, mas ela sempre dá um jeito de avisar a consciência. Quando experimentamos os valores vivenciais, quando os recebemos, somos responsáveis por acolher o que é bom e cuidar para que outras pessoas possam recebê-lo também.

Esta inserção do ser humano é no tempo e espaço concretos, numa encarnação histórica, social, que lhe dá um sentido profundo de localização no mundo, de compromissos com a humanização do mundo e de solidariedade com os demais seres humanos que compartilham a mesma condição. A responsabilidade é uma dimensão envolvente que impregna o ser e o fazer humanos e que aprofunda as suas raízes no diário caminhar pelo mundo.<sup>111</sup>

Se vivemos em uma grande teia de conexões, se tudo está interligado, se cada ação individual resulta no coletivo, cada ser livre é responsável pelo impacto que causará com suas

---

<sup>110</sup> HERRERA, 2021, p. 177.

<sup>111</sup> HERRERA, 2021, p. 178.

ações e omissões. Por isso, é importante desenvolver uma ética na busca pela vontade de sentido, em que o dever ser se viabiliza pela mediação da responsabilidade junto à liberdade.

“No meio-termo há equilíbrio, possibilidades satisfatórias e necessidades suficientes para a concretização de uma vivência plena de sentido”.<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> JESUS, 2018, p. 53.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As coisas do mundo são interdependentes, conectadas entre si, formando um macroecossistema, construindo essa preciosa rede da biodiversidade que está posta – e que dela não conhecemos tudo. Nessa teia gigantesca de conexões em que está inserido o que conhecemos e sabemos, e o que sentimos e até agora desconhecemos, buscamos ser uma parte que contribui para o processo de melhoria do lugar em que estamos incluídos ou, pelo menos, é assim que deveria ser.

Viktor Frankl e a vontade de sentido são um exemplo dessa conexão, de como a jornada vai nos ligando com causas, crenças e valores, a ponto que se forme uma simbiose tamanha, que um não pode ser pensado sem o outro. Pode-se dizer que assim é com todo pensador e sua obra; o que não estará errado, pois a obra é fruto das observações e trocas do autor com o mundo, e, obviamente, seu pensamento estará impresso em tudo. Todavia, com Frankl e os seus estudos sobre a busca pelo sentido, isso parece ser ainda mais intenso. Talvez pelo fato de que ele tenha passado pelo *experimentum crucis*, por ter podido organizar todo sentimento latente nos livros após ter vivido e sentido na carne centenas de situações indecentes, desumanas e cruéis, talvez por ter tamanha propriedade na defesa das suas percepções e, assim, poder compartilhá-las com todos de forma clara e objetiva. Talvez por isso não seja possível falar de um sem enxergar o outro, nem deixar de perceber a intensidade da conexão entre a vida e a obra do autor.

Um grande mérito para um pensador é transformar um assunto complexo e denso em algo de fácil compreensão, o que Frankl consegue realizar com maestria. Ele afirma que a chave interpretativa do ser humano é a vontade de sentido, que as vontades de poder e prazer são parte do processo da busca, mas que jamais podem ser confundidas com o ponto final da jornada, e o faz de forma simples, facilitando a compreensão das pessoas sobre a discussão do tema abordado. As “avenidas”, os grupos de valores que podem nos levar ao encontro do sentido – criativos, vivenciais e atitudinais –, são exemplos de como podemos experimentar a busca pelo sentido no dia a dia, nas respostas cotidianas para as perguntas que a vida nos faz.

Viktor Emil Frankl não faz de sua teoria um processo fechado. Para ele, há sempre a possibilidade de que alguém possa contribuir para melhorar esses conceitos, já que o mundo vive em um constante devir e a concretude da existência da realidade seguirá questionando as pessoas todos os dias. Por isso é que sua escola filosófica e psicoterapêutica está sempre aberta para novas ideias e novos encontros.

Na busca pelo sentido, não é necessário que pensemos sempre a grandiosidade das nossas ações. A grandeza de nossos atos deve ser medida pelo êxito, pela resolução do problema naquele momento. O agora tem mais importância do que o ontem – que é um lugar seguro, pois já passamos por aquela fase do jogo e ainda estamos vivos, ou seja, o passado é a prova de que de alguma maneira deu certo até aqui – e do que o amanhã – porque ainda não o temos.

Mais complicado do que acreditar que o sentido só pode ser encontrado em gestos apoteóticos – o que invariavelmente levará à frustração, pois não há possibilidade de que uma vida possa ser vivida todo o tempo desse modo – é a incompreensão da grandeza do simples. Há uma complexidade em pensar e posteriormente realizar as ações que a vida exige de forma simples. É paradoxal enxergar que, na busca pelo sentido, na ação que realiza, fazer o simples pode ser complexo, porque o simples que pode resultar em grandes transformações é muito mais difícil de ser pensado e constituído. Requer mais esforço e talento simplificar e facilitar, do que complexificar e complicar, o que torna o simples gigante.

Dentre as coisas interconectadas e interdependentes, surge a força da liberdade e da responsabilidade que não podem viver dissociadas, pois necessitam uma da outra. A liberdade e a responsabilidade precisam andar de mãos dadas, pois um caminho só pode ser bem percorrido se houver o diálogo entre as exigências da responsabilidade e a leveza da liberdade. Na busca pelo sentido, a responsabilidade para com o outro e para com o mundo é uma exigência da liberdade, pois só assim os muitos sentidos ao longo do percurso serão revelados e descobertos, dado que a vontade de sentido não é estática, pelo contrário, é o combustível que movimenta o ser humano para a obtenção do êxito nos enfrentamentos que a vida apresenta. A busca pelo sentido é individual, ou seja, cada pessoa precisa encontrá-la no mundo para poder encontrar-se, tendo a clareza de compreender que essa procura pelo sentido da vida não pode ser um fardo, e, sim, uma aventura, pois o sucesso do projeto não está lá no distante e perseguido ponto de chegada, mas na jornada. A vida necessita de sentido apesar das suas contingências, pois somente quando se ama a própria vida é que nasce a possibilidade de se viver para o mundo, e é no mundo que mora o sentido.

Há muito ainda para ser abordado, tendo a vontade de sentido como ponto de partida para outros questionamentos, inclusive, para pesquisas futuras. Alguns caminhos possíveis não foram nem sequer citados; porém, vale registrar que a obra de Frankl é riquíssima e está aberta para novas interpretações e possibilidades. No livro *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*, há uma cena, relatada por Frankl, em que a arte

desconstrói por alguns momentos os horrores e até os papéis exercidos no campo, pois, por instantes, a música feita em instrumentos improvisados, o teatro, a dança e a poesia acalentavam aqueles prisioneiros.

Pensando e celebrando a arte como a incrível potência de linguagem humana que é, aquela que comunica de forma tão intensa que, por vezes, só temos como senti-la sem que a nossa razão tenha condições de enquadrá-la, esta dissertação cita textos e melodias inéditos e outros já existentes para se conectar-se, em primeiro lugar, com a história do prisioneiro 119104 nos campos de concentração e a seguir – com não menos importância – com o leitor, já que, às vezes, a arte salva vidas, porém, a todo instante, ela diminui a miséria humana.

Por fim, segue o texto de uma canção composta especialmente para que pensemos essa relação:

Um prisioneiro me disse  
 Não existe liberdade  
 Estou preso no meu tempo  
 No dinheiro e na vaidade  
 O que me mantém de pé:  
 A responsabilidade  
 Estou preso no meu tempo  
 No dinheiro e na vaidade

Discordei do prisioneiro  
 Minha crença é diferente  
 A chave pra liberdade  
 Está guardada na mente  
 Pois a postura pra vida  
 É o que liberta a gente  
 A chave pra liberdade  
 Está guardada na mente

Quando tudo dá errado  
 E o jogo parece perdido  
 É preciso abrir os olhos  
 Ver o mundo colorido  
 Porque até nas horas brabas  
 Dá pra encontrar sentido  
 Você tem que abrir os olhos  
 Para encontrar sentido<sup>113</sup>

A vontade de sentido tem um alto valor de sobrevivência para o indivíduo, pois traz consigo a esperança da realização do dever ser, a gana pela existência, a expectativa de que os

---

<sup>113</sup> Autor: Rodrigo Munari, cantor, compositor e estudante de Filosofia. <http://lattes.cnpq.br/3452967425840133>  
 Para acessar o vídeo da música: <https://youtu.be/ey0QusW1YwA>

projetos se materializem e, mais do que tudo, a sanidade que nasce da percepção de que as contingências da vida estão aí, indagando de forma exclusiva cada ser humano, exigindo uma atitude única e intransferível, desafiando. A busca pelo sentido, que é força motriz para uma justa e equilibrada existência humana, segue ressonando para que mais pessoas possam percebê-la de forma consciente, trabalhando para a descoberta de mais caminhos e mapas possíveis no exercício dessa vontade, pois, em um mundo em que as novas tecnologias fazem fila para ser paridas, novos tempos de compreensão sobre o sentido das nossas existências são sempre bem-vindos.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. **Logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de. **Fenomenologia da depressão**: aspectos constitutivos da vivência depressiva. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2021.
- CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- FABRY, Joseph B.. **A busca do significado**. São Paulo: Ece, 1984.
- FRANKL, Viktor E. **A falta de sentido**: um desafio para a psicoterapia e a filosofia. Campinas: Editora Auster, 2021.
- FRANKL, Viktor E. **Ante el vacío existencial**: hacia una humanización de la psicoterapia. 3. ed. Barcelona: Editorial Herder, 1984.
- FRANKL, Viktor E. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É realizações, 2015.
- FRANKL, Viktor E. **Sede de sentido**. 5. ed. Tradução de Henrique Helfes. São Paulo: Quadrante, 2016.
- FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida**. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.
- FRANKL, Viktor E. **A psicoterapia na prática**: uma introdução casuística para médicos. Tradução de Vilmar Scheneider. Petrópolis: Vozes, 2019.
- FRANKL, Viktor E. **El Dios inconsciente**. Tradução de P. F. Valdés y Dr. A. von Ritter-Záhony. Buenos Aires: Plantin, 1955.
- FRANKL, Viktor E. **O que não está escrito nos meus livros**: memórias. Tradução de Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010.
- FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. 22. ed. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2021.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 43. ed. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2018.
- FRANKL, Viktor *et al.* **Dar sentido à vida**: a logoterapia de viktor frankl. Prefácio de Irmgard Karwatzki. Tradução de Antônio Estêvão Allgayer. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1990.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 13. ed. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&Pm Editores, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**: ensaios e entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2019.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. 38. ed. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

HERRERA, Guillermo Pareja. **Viktor Frankl**: comunicação e resistência. Tradução de Mitsuo Mário Chigutti e Terezinha Oliveira Chigutti. São José dos Campos: Busca Sentido, 2021.

JESUS, Luciano Marques de. **Qual é o sentido?** Reflexões sobre o sentido da vida a partir de Viktor Frankl. Porto Alegre: Edipucrs, 2018.

KUNZ, Edmundo Luiz. O ser do valor e valores. **Veritas**, Porto Alegre, v. 89, n. 23, p. 186-214, mar. 1978.

PEREIRA, Ivo Studart. **A ética do sentido da vida**: fundamentos filosóficos da logoterapia. 2. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2020.

PEREIRA, Ivo Studart. **Tratado de logoterapia e análise existencial**: filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2021.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. **As encruzilhadas do humanismo**: a subjetividade e a alteridade ante os dilemas do poder ético. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre: Zouk, 2020.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sobre a construção do sentido**: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2008.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)